



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

*Amizade é....As relações de amizade em adultos com Deficiência
Intelectual*

NÁDIA SALOMÉ PINTO CORREIA

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR JOSÉ MORGADO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA LOURDES MATA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Educacional

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor José Morgado, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o Despacho da DGES, nº19673 /2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos, em primeiro lugar ao Prof. Doutor José Morgado, o meu orientador, pela confiança, apoio e incentivo dado na escolha do tema da tese, pela transmissão e partilha de conhecimentos, pelo apoio e ajuda nas dúvidas que foram surgindo na elaboração do trabalho, bem como pela disponibilidade e paciência de prestada ao longo dos últimos meses.

Em segundo lugar, agradeço à Prof. Doutora Lourdes Mata, minha co-orientadora e professora da Unidade Curricular Dissertação de Mestrado, pela orientação, apoio, incentivo, disponibilidade, paciência que teve ao longo dos últimos meses de trabalho comigo, bem como pelas críticas, sugestões e correcções relevantes, que fizeram durante toda a orientação. Sem esta dedicação não teria sido possível a realização deste trabalho.

À minha mãe, a minha mais que tudo na vida, um profundo obrigado por ser um exemplo de vida, pelo apoio, incentivo, estimulação pessoal e profissional, por acreditar em mim e me ter permitido continuar os estudos. Agradeço ainda pelo amor, amizade, paciência, ajuda e companhia durante todo o percurso académico e ao longo de toda a vida.

Agradeço ainda à coordenadora/directora, à psicóloga da instituição onde foi possível a recolha dos dados e ainda a todos os que participaram no meu estudo, pela simpatia, colaboração, disponibilidade e ajuda prestada, pois sem eles não teria sido possível realizar este estudo.

À minha família, em especial à minha irmã, agradeço a força, amor, carinho, força, presença constante e apoio incondicional que me deram ao longo de todo o meu percurso académico e ao longo da vida.

Por último, mas não menos importante, um obrigado aos meus amigos (Cátia Sandiães, Ana Rita Henriques e José Machado) por terem acreditado em mim, pela motivação, apoio, amizade, suporte emocional, companheirismo e ajuda sempre que precisei.

Resumo

O presente trabalho, teve como principal objectivo, conhecer a representação das relações de amizade detidas por adultos com deficiência intelectual.

No sentido de encontrar indicativos de respostas para tal objectivo, foi desenvolvido um estudo de natureza qualitativa. Os participantes escolhidos para este estudo foram 30 adultos com deficiência intelectual, com idade compreendida entre os 25 e os 35 anos, que frequentavam um Centro de Actividades Ocupacionais (CAO). No que concerne aos instrumentos, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. A análise dos dados encontrados foi tratada qualitativamente através da técnica de análise de conteúdo. Em seguida, analisou-se os mesmos, tendo em conta a literatura. Relativamente aos resultados encontrados, pode-se concluir que o adulto deficiente intelectual apesar de apresentar dificuldades em estabelecer e manter laços de amizade, devido há existência de várias barreiras (p.e. os pais), possuem os conceitos de amizade, amigo e melhor amigo, à semelhança do que ocorre com os adultos com desenvolvimento típico. Uma vez que existem escassos estudos acerca desta temática, nomeadamente nesta faixa etária, torna-se pertinente o desenvolvimento de estudos que aprofundem este campo, para que os seus responsáveis (familiares, profissionais, entre outros) conheçam a importância e as razões pelas quais os adultos nestas condições necessitam de estabelecer laços de amizade, permitindo-lhes a facilitação da formação e manutenção desses laços e diminuindo alguns dos obstáculos criados.

Palavras-chave: Amizade; Adultos; Deficiência Intelectual.

Abstract

The principal aim to this study is known the representation of the friendship relationship held to the adults with intellectual disabilities. In order to find answers to this goal a qualitative study was developed. For this study were chosen 30 adults with intellectual disabilities, with ages between 25-35 years old, who attended an Occupational Activities Center (CAO). A semi-structured interview was used as instrument. The evaluation of the concluded data was qualitatively treated by the content analysis technique. Then it was examined the same data concerning to the literature. According to the examined results it could be concluded that the adults with intellectual disabilities in spite of presenting difficulties maintain and establish ties of friendship, due to several hurdle (e.g. parents), they keep the concepts of friendship, friend and best buddie, similar to what occurs with the adults with typical development. Once there are very few studies about this issue, in particularly in this age level, it is very relevant to develop studies that research this field, in order that the responsible (parents, professionals, among others) know the importance and the reasons for which the adults in those conditions need to establish ties of friendship, allowing them easily the creation and maintenance of these ties and reducing some of the obstacles created.

Key-Words: *Friendship, Adults, Intellectual Disabilities*

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico.....	3
A Amizade e os Amigos – Conceito	3
Características da Amizade.....	5
As Relações de Amizade na Infância e na Adolescência	8
As Relações de Amizade na Idade Adulta.....	10
Deficiência Intelectual.....	12
Definição e Caracterização	12
Causas da Deficiência Intelectual.....	15
A Deficiência Intelectual e as Relações de Amizade... ..	16
As Relações de Amizade no Período da Infância e Adolescência de Pessoas com	
Deficiência Intelectual.....	16
As Relações de Amizade na Idade Adulta de Pessoas com Deficiência	
Intelectual.....	18
Método.....	21
Objectivo, Natureza e Tipo de Estudo.....	21
Delineamento do Estudo.....	21
Participantes.....	22
Instrumentos.....	23
Procedimento.....	25
Categorias de Análise – Definição	26
Apresentação e Análise dos Resultados.....	35

Discussão dos Resultados	51
Conclusão	55
Referências Bibliográficas.....	57
Anexos.....	64
Anexo A (Consentimento Informado).....	65
Anexo B (Quadros Síntese das Respostas).....	66
Anexo C (Tabela 6).....	93
Anexo D (Tabela 8).....	94
Anexo E (Tabela 10)	95
Anexo F (Tabela 12)	96
Anexo G (Tabela 17 e Tabela 18)	97
Anexo H (Tabela 20, 21 e 22).....	98
Anexo I (Tabela 25)	99

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização dos adultos com deficiência intelectual em função do género e idade (anos).....	22
Tabela 2. Composição do agregado familiar do adulto com deficiência intelectual.....	23
Tabela 3. Categorias e subcategorias para a questão “o que é a amizade?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	35
Tabela 4. Categorias e subcategorias para a questão “o que é um amigo?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	36
Tabela 5. Categorias e subcategorias para a questão “o que é um melhor amigo?”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	37
Tabela 6. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes à questão “tens muitos ou poucos amigos”.....	Anexo C
Tabela 7. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para os sujeitos afirmarem ter muitos ou poucos amigos), com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	39
Tabela 8. Categorias e subcategorias para a questão “tens mais amigos (rapazes) ou mais amigas (raparigas)?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	Anexo D
Tabela 9. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para os sujeitos afirmarem ter mais amigos ou mais amigas), com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	40

Tabela 10. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes à questão “achas-te parecido com os teus amigos?”.....	Anexo E
Tabela 11. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para os sujeitos afirmarem achar-se parecidos ou não com os amigos), com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	42
Tabela 12. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes sobre a escolha voluntária dos amigos.....	Anexo F
Tabela 13. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes sobre o (s) local (ais) onde conheceram os amigos.....	43
Tabela 14. Categorias e subcategorias para a questão “onde costumavas passar mais tempo com os teus amigos?”, com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	43
Tabela 15. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes sobre o modo como ocupam os amigos o tempo em que estão juntos.....	44
Tabela 16. Categorias e subcategorias para a questão “o que costumavas conversar com os teus amigos?”, com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	45
Tabela 17. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes à questão “alguma vez te encontras-te com os teus amigos fora da instituição”.....	Anexo G
Tabela 18. Categorias e subcategorias para a questão “o que fizeram ou costumam fazer?” (quando se encontram ou encontraram com os amigos fora do centro), com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	Anexo G

Tabela 19. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para que os sujeitos nunca se tenham encontrado com os amigos fora da instituição), com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	46
Tabela 20. Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes à questão “alguma vez algum amigo foi a tua casa”.....	Anexo H
Tabela 21. Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes à questão “alguma vez foram a casa de algum amigo”.....	Anexo H
Tabela 22. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes à questão “onde foram e o que fizeram quando o amigo foi a sua casa”.....	Anexo H
Tabela 23. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para que os sujeitos não tenham recebido os amigos em sua casa), com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	47
Tabela 24. Categorias e subcategorias para a questão “porquê?” (razão para que os sujeitos não tenham ido a casa dos amigos), com as respectivas percentagens de frequências de sujeitos e respostas obtidas.....	48
Tabela 25. Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes à questão “alguma vez te zangaste com algum amigo”.....	Anexo I
Tabela 26. Categorias e subcategorias para a questão “porque se zangaram?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	49
Tabela 27. Categorias e subcategorias para a questão “como resolveram o conflito?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	49

Tabela 28. Categorias e subcategorias para a questão “é importante ter amigos?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas.....	50
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Introdução

As relações que se estabelecem entre os seres humanos são importantes para o seu desenvolvimento. O sucesso das suas interações, facilita a integração dos mesmos nas redes sociais (Chen, Chung & Hsiao, 2009).

A família, o grupo de pares, os amigos e os vizinhos (Almand, 2011), são alguns dos sistemas de apoio social ou grupos sociais, que contribuem para o desenvolvimento da identidade, autonomia e valorização do próprio sujeito, dando-lhe confiança e segurança (Hutchinson & Lord, 1950). À família cabe o importante papel de ajudar o sujeito a desenvolver as suas primeiras relações com outros grupos sociais (p.e.g. as relações de amizade) fora do sistema familiar. As relações de amizade, para além de serem influenciadas pelos grupos sociais, também o são pelas características pessoais de cada sujeito (p.e.g. na capacidade ou incapacidade de estabelecer um diálogo, etc.) (Mokhtari, 2008).

As pesquisas empíricas realizadas ao longo de uma série de décadas têm demonstrado a importância das relações de amizade e de ter amigos, no decurso de todo o desenvolvimento, desde a infância até à idade adulta do ser humano.

De acordo com a literatura revisada disponível, as amizades podem ser experienciadas de várias maneiras, dependendo dos próprios sujeitos que as experimentam. Independentemente da cultura ou do contexto, o que distingue a amizade dos outros tipos de relacionamentos sociais, é a reciprocidade e a liberdade de escolha (Schmidt & Bagwell, 2011; DeSousa & Cerqueira-Santos, 2012; Solomon, Buaminger & Rogers, 2010).

A escassez de estudos sobre a amizade entre pessoas com deficiência intelectual, não nos têm permitido conhecer até que ponto este tipo de relacionamento é parte integrante da vida das mesmas, principalmente na fase adulta (Hughes, Redley & Ring, 2011).

Assim sendo, segundo Hutchinson (1990), apesar das limitações que as pessoas com deficiência intelectual possam puderem ser vistas como um obstáculo no adquirir e/ou manter dos laços de amizade e independentemente do seu grau de deficiência, elas desejam e têm a capacidade de os formar, tal como as pessoas com desenvolvimento típico. As oportunidades de interagir com os amigos apresentam-se no entanto,

limitadas, levando-os muitas vezes a sentimentos de solidão e a um isolamento (Mirfin-Veitch, 2003).

Neste sentido, atendendo às limitações da literatura actual sobre questões ligadas à amizade em adultos com deficiência intelectual e ainda, dada a dificuldade que se associa ao conceito abstracto da amizade, tornou-se pertinente conhecer como os adultos com deficiência intelectual representam as relações de amizade. Pretendendo-se assim, a consciencialização dos cuidadores e profissionais actuantes na área das necessidades especiais, para a importância deste tipo de relação para estas pessoas, permitindo-lhes contribuir para a construção e manutenção das amizades, aumentando o número de interacções entre estes jovens em vários contextos, bem como o número de amigos e ainda, diminuindo assim o isolamento social e os sentimentos depressivos a que podem estar sujeitos.

Relativamente à estrutura deste trabalho, este encontra-se organizado em quatro partes. Na primeira parte é apresentada a revisão da literatura, onde se conceptualiza e caracteriza o conceito de amizade, amigo e deficiência intelectual, mostrando a importância das relações de amizade ao longo das várias fases do desenvolvimento típico e atípico através de vários estudos.

Na segunda parte alude-se à explicitação do método do estudo, onde é feita a caracterização dos participantes, do procedimento e do instrumento utilizado.

Na terceira parte procedeu-se à apresentação e análise dos resultados do estudo, recorrendo-se à análise de conteúdo.

E por último, é apresentada a discussão e conclusão geral do estudo, sendo também apontadas algumas das limitações do mesmo.

Enquadramento Teórico

A Amizade e os Amigos -Conceito

A amizade é definida como uma relação voluntária e opcional (Schmidt & Bagwell, 2011), que é parte importante e essencial da vida de todos os seres humanos ao longo das várias etapas do seu desenvolvimento (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2012; Solomon, Buaminger & Rogers, 2010), o que faz com que este conceito se vá tornando cada vez mais complexo e abstracto (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2011).

Ao contrário do que acontece nos relacionamentos entre familiares e noutro tipo de relacionamentos, a amizade é uma relação que não contém normas e/ou quaisquer valores culturais (Sousa & Hutz, 2008).

É através dos laços de amizade e da relação que os sujeitos estabelecem uns com os outros, que se desenvolvem aspectos como a intimidade, o afecto, o companheirismo, existe um aumento da auto-estima e se desenvolve a autonomia (De-Leon, 2005) e independência dos sujeitos em relação à família, possibilitando aos sujeitos que contêm algum tipo de limitação (física ou cognitiva) viver de uma forma mais “normalizada” (Hutchinson, 1990). A amizade também é importante porque promove a aprendizagem da pessoa sobre si mesma, através do feedback e da valorização dada pelos amigos (Hutchinson & Lord, 1950).

A amizade é uma relação que se baseia na reciprocidade da atracção entre sujeitos, que expressam um desejo mútuo de serem amigos (West, 2004). Esta envolve companheirismo, apoio e os sujeitos apresentam comportamentos compatíveis ou perfis de interacção semelhantes (Guroglu, Lieshout, Haselager & Scholte, 2007).

O conceito de amizade pode ser definido através de três perspectivas principais: 1) a *perspectiva psicológica*, que define a amizade como um relacionamento diádico, que apresenta características distintas de quaisquer outros tipos de relacionamentos. Este relacionamento pode ser designado como horizontal e vertical. É horizontal quando existe igualdade na base da relação entre sujeitos, tanto em idade como em fase de desenvolvimento. E é vertical, quando essa relação apresenta diferenças entre os sujeitos; 2) a *perspectiva sociológica*, que afirma que a amizade é uma construção cultural, que depende de determinados factores, tais como, o género, a etnia, o nível socioeconómico, entre outros, e por fim, 3) a *perspectiva antropológica*, que ao contrário da perspectiva psicológica não apresenta nenhuma definição de amizade, pois

a amizade é algo que nasce da interacção entre os sujeitos nos seus contextos sociais e culturais (Schmidt & Bagwell, 2011).

Fehr (1996) afirma que a amizade é um tipo de relacionamento que se dá entre sujeitos fora do contexto familiar, que lhes proporciona bem-estar individual (Ponti, Guarnieri, Smorti & Tani, 2010) e que se caracteriza por actos de intimidade, com valor significativo para os envolvidos. Este relacionamento é mantido devido a quatro factores, os ambientais, os situacionais, os individuais e os diádicos. Os factores ambientais considerados por Fehr são os locais onde os indivíduos passam a grande parte do dia, a densidade populacional e a comunicação estabelecida na rede social. Os factores situacionais estão relacionados com a probabilidade das interacções e a frequência com que se estabelece contacto. Os factores individuais estão relacionados com os critérios que o próprio sujeito tem, que o fazem excluir ou não, possíveis amizades do seu círculo e por último, os factores diádicos que se referem aos julgamentos que cada pessoa faz uma da outra.

Nas relações de amizade, os sujeitos compartilham experiências ao longo do tempo, receios e esperanças, bem como interesses comuns. Manifestam ainda, sentimentos de gratidão, divertem-se juntos (Shokoohi-Yekta & Hendrickson, 2010) e confiam uns nos outros, o que vai permitir estabelecer laços vinculativos mais fortes entre indivíduos (Casado, 2012).

São diversos os conceitos que definem amizade (Mokhtari, 2008). No entanto, seja qual for a idade dos sujeitos, a amizade é sempre indicada como uma relação qualitativa (Demir & Orthel, 2011), onde existe reciprocidade, afecto, apoio mútuo, onde os sujeitos mostram que gostam uns dos outros (Schmidt & Bagwell, 2011) e onde existe comunicação, que é feita de modo eficaz entre os mesmos (Ledbetter, Griffin & Sparks, 2007).

A estabilidade e a consistência são factores importantes na manutenção das relações de amizade (Turnbull et al., 2000 cit. por Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Um amigo, por sua vez, é um individuo que se caracteriza por ser companheiro, com o qual se pode partilhar experiências e emoções, que escuta, ajuda e proporciona apoio emocional, quando é necessário (e.g. adaptação a novos desafios, ausência dos pais) (Richardson, Ritchie & Social and Community Planning Research, 2008). Os amigos devem estar presentes de forma constante na vida uns dos outros, sem que exista uma razão ou data em específico para se reunirem (Barry & Madsen, 2012). Podem

ainda conter algumas características idênticas entre si, tais como, o género e os comportamentos (Spencer, Bowker, Rubin, Booth-LaForce & Laursen, 2013).

A vida sem amigos pode levar qualquer sujeito à depressão e a apresentar desajustes emocionais (Duvdevany, 2007). Os amigos ajudam a que a vida fique mais completa, potenciam maior independência dos cuidadores e dos serviços de que possam depender, potenciam o desenvolvimento social, inclusivo e da linguagem. Ajudam a resolver problemas de comportamento (D'Haeme, 2008), bem como a lidar com eventuais tensões e expectativas. E ainda ajudam no desenvolvimento da auto-identidade (Jobling, Moni & Nolan, 2000).

Segundo pesquisas empíricas, as relações de amizade e o possuir amigos são aspectos essenciais e preditores de felicidade (Peterson, 2006). Isto é, contribuem para um conjunto de aspectos positivos de afecto que satisfazem e fazem parte da vida das pessoas (Demir, Ozen, Dogan, Bilyk & Tyrell, 2011), tais como, receber apoio dos amigos quando necessário, estar com eles, participar nas mesmas actividades e ainda vivenciar toda uma intimidade no seio da relação (Lyubomirsky, 2008).

As expectativas que se têm sobre os amigos e a amizade são parcialmente construídas através das avaliações cognitivas que fazemos e as emoções que vivenciamos nos laços amizade estabelecidos (Stephanou & Balkamou, 2010).

Contudo, a percepção que se têm dos amigos e das relações de amizade pode variar de pessoa para pessoa, sendo que as características que levam um sujeito a designar um outro de amigo, podem não ser as mesmas características que um outro sujeito utiliza para o definir (Cavanaugh & Blanchard-Fields, 2010).

Características da Amizade

Os relacionamentos de amizade que se estabelecem com cada um dos amigos podem divergir nas suas características positivas e negativas (Burk & Laursen, 2008).

O *companheirismo*, a intimidade, a lealdade, o afecto, a proximidade, a confiança (Burk & Laursen, 2008; Chen, Chung & Hsiao, 2009), o apoio e a autonomia (Deci, LaGuardia, Moller, Scheiner & Ryan, 2006), são alguns dos aspectos positivos da amizade mais apontados.

O *companheirismo* é a característica da amizade que surge mais cedo (Matheson, Olsen & Weisner, 2007). Esta refere-se essencialmente ao tempo que os sujeitos despendem para estarem juntos (Ponti, Guarnieri, Smorti & Tani, 2010) e para realizarem actividades que os satisfaçam em vez de fazerem coisas que os deixe

animados (Mendelson & Aboud, 2012). É um factor que ajuda a manter a relação, avaliando a sua força e proximidade. Uma vez havendo companheirismo, a reciprocidade da relação tende a ser maior (Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

A *proximidade* é uma característica que está relacionada com o apego e a ligação emocional e afectuosa que se tem com o amigo (Ponti, Guarnieri, Smorti & Tani, 2010).

A *intimidade* é um factor importante que potencia a amizade, sendo que ao longo do tempo da relação pode apresentar variância (Ledbetter, Griffin & Sparks, 2007). Este refere-se essencialmente à sensibilidade que os sujeitos têm dos estados e das necessidades uns dos outros, criando-se um espaço onde os sujeitos possam expressar sentimentos e pensamentos de foro pessoal, de forma honesta e aberta (Mendelson & Aboud, 2012).

A *lealdade* tem por base a confiança. Para que um sujeito passe a ser designado de amigo é necessário que apresente comportamentos que demonstrem que é de confiança, dando resposta e atenção às necessidades presentes e futuras do mesmo (Wieselquist, 2007).

A *confiança* é um dos alicerces mais importantes nas relações de amizade entre os seres humanos, sem ela a amizade não pode existir. É fundamental, como se de um código ou uma norma se trata-se, isto é, não é necessário nenhum tipo de comunicação para que os sujeitos saibam, simplesmente agem conforme o que é esperado uns pelos outros. O respeito advindo da confiança é recíproco, imutável e incondicional (Gigch, 2007).

O *afecto* é outro dos aspectos principais que a amizade envolve, este é percebido através de beijos, abraços e carícias (Souza & Hutz, 2008).

O *apoio emocional* ou *ajuda instrumental* está directamente ligada ao suporte social e refere-se ao aconselhamento, ao cuidar, ao reforçar dos valores e aptidões dos sujeitos, bem como, o poder contar com o outro face à resolução de problemas e à sugestão de orientações (Neves & Pinheiro, 2009).

Os conflitos, as desigualdades de poder, o antagonismo (Barry & Madsen, 2012), a rivalidade, a competição e a agressividade (Chen, Chung & Hsiao, 2009), são os aspectos negativos das relações de amizade (Burk & Laursen, 2008).

De acordo com Collis e Steinberg (2006), quando se dão situações de *conflito* nas relações de amizade, nomeadamente na adolescência, as expressões de raiva são mais contidas de modo a conseguir-se manter a relação. A partir desta fase de desenvolvimento, os conflitos tendem a desaparecer.

O facto de existir conflitos nas relações de amizade, não leva ao seu término, bem pelo contrário. Segundo alguns autores (Azmitia & Montgomery, 1993; Hartup, Laursen, Stewart & Eastensen, 1988 cit. por Garcia, 2005) estes podem fortalecer os laços já estabelecidos, através do modo amigável como os resolvem (Burk & Laursen, 2005).

A *agressividade*, por outro lado, pode levar ao afastamento entre amigos pois, quanto mais agressivos forem, mais difícil se torna a sua aceitação a nível social. Contudo, os comportamentos agressivos podem ser superados através da reconciliação dos sujeitos, que fará com que se mantenha ou restabeleça o relacionamento (Garcia, 2005).

A *competição* é outro aspecto considerado negativo da amizade, pois pode levar a que os sujeitos tenham comportamentos negativos quando perante o risco de fracassar (Garcia, 2005).

Quanto ao tipo de relacionamento que se estabelece entre amigos, este pode ser de natureza íntima ou casual (Mokhtari, 2008). A intimidade é um factor importante e característico de um relacionamento íntimo (Cordeiro, 2006), encontra-se relacionado com o partilhar de experiências e emoções de foro privado (Richardson, Ritchie & Social and Community Planning Research, 2008), desenvolve a sensibilidade, a compreensão, o apego, a confiança e torna os sujeitos emocionalmente mais próximos (Chen, Chung & Hsiao, 2009). Tudo isto, adquirido através de uma boa comunicação verbal (e.g. diálogo) (Vernon, 2006). Ainda neste tipo de relacionamento, os amigos são vistos como principais fontes de orientação, formação de opinião e apoio social (Ponti, Guarnieri, Smorti & Tani, 2010), partilham tempo livre, aconselham-se e escutam-se mutuamente (Sousa & Cerqueira-Santos, 2011). Numa amizade casual, os amigos não partilham sentimentos mais íntimos, apenas trocam ideias sobre banalidades (e.g. desporto) (Bordens & Horowitz, 2001 cit. por Mokhtari, 2008).

As semelhanças entre amigos são mencionadas frequentemente (Newcomb & Bagwell, 1995 cit. por Guroglu, Lieshout, Haselager, Scholte, 2007) e são vistas como um aspecto característico da escolha das amizades. As relações de amizade consideradas mais similares são aquelas que estão mais ligadas ao gosto mútuo, à cooperação e reciprocidade (Guroglu, Lieshout, Haselager, Scholte, 2007).

Relativamente à manutenção, todas as amizades vistas como importantes devem manter-se ao longo do tempo (Richardson, Ritchie & Social and Community Planning Research, 2008). A manutenção é feita através de conversas, de actividades conjuntas e

principalmente da abertura dos sujeitos, uns face aos outros (Becerra, Lagunes & Aragón, 2009).

A disponibilidade, apesar de pouco mencionada ao longo da pesquisa literária, é também apontada como um factor importante na manutenção e surgimento de um relacionamento de amizade entre pessoas (Fehr, 1996).

As relações de amizade na infância e na adolescência

As relações sociais têm a sua origem logo nas primeiras semanas de vida. Contudo, a interacção estabelecida não apresenta quaisquer verbalizações, apenas a coordenação de acções e atenção mútua entre parceiros (Rubin, Bukowski & Laursen, 2009).

É durante o período da infância, que se estabelecem os primeiros laços de amizade, que servem de facilitadores da socialização, que se criam através de aspectos positivos (e.g. cooperação e suporte social) e aspectos negativos (e.g. conflitos e competição) (Garcia, 2005).

O conceito de amizade, nesta fase de desenvolvimento, apresenta-se relacionado com o espaço que a criança possui para se autodescobrir, partilhar a sua intimidade e também, onde espera da parte do outro, uma certa protecção e retribuição de actos/acções (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2011).

Segundo as crianças, a amizade é um conceito que se caracteriza, pela afeição mútua, divertimento, reciprocidade, cooperação, partilha de interesses e actividades em comum (West, 2008).

Os amigos são escolhidos tendo em conta as semelhanças em termos de género, idade, tipo de actividades desenvolvidas (Hamm, 2000 cit. por Casado, 2012), bem como os traços individuais (Rubin, Bukowski & Laursen, 2009).

Desde a infância que o ser humano estabelece uma ligação de preferência com determinados sujeitos, com quem despence mais tempo (Rubin, Bukowski & Laursen, 2009) e possui um maior companheirismo, estes designam-se de *melhores amigos* e mantêm-se presentes ao longo da vida uns dos outros, até à idade adulta (Schmidt & Bagwell, 2011). Os melhores amigos são os sujeitos que possuem mais semelhanças em termos de comportamento, atitudes e personalidade (Kandel, 1978 cit. por Guroglu, Lieshout, Haselager & Scholte, 2007). É alguém com quem é possível partilhar dificuldades e problemas familiares, falar de forma livre sobre tudo, sem correr o risco de ser julgado (Epstein, 2006).

Neste período de desenvolvimento, as relações de amizade são importantes, contribuindo para o desenvolvimento das crianças, através da prestação de apoio emocional e segurança (West, 2008). Segundo alguns estudos, as crianças que frequentam o pré-escolar e que têm amigos apresentam um melhor desenvolvimento a nível de competências e habilidades, que facilitam a aprendizagem (West, 2008), tornando-se crianças mais cooperativas, autoconfiantes, bem como mais altruístas, do que as crianças que não possuem amigos (Sebanc, 2003 cit. por Guroglu, Lieshout, Haselager & Scholte, 2007).

Segundo um estudo de Garcia e Pereira (2008), as crianças mencionam a conversa como uma das actividades que mais realizam com os amigos e os melhores amigos, sendo que os temas mais abordados nas conversas por estas são, as brincadeiras, a escola e o futebol.

No período da adolescência, a amizade vai contribuir para um desenvolvimento psicossocial e social mais saudável, onde se proporcionam trocas de informação entre amigos, apoio social e ainda se adquire a sua companhia, pois todos os jovens encontram-se a passar pelas mesmas mudanças (Brown, 1990 cit. por DeSousa & Cerqueira-Santos, 2012).

A amizade surge através dos interesses, crenças e comportamentos compartilhados pelos sujeitos (Bonono, Agnaldo & Rossetti, 2009).

O suporte é um aspecto fundamental da amizade, que se torna mais saliente durante o início deste período (Berndt, 1989 cit. por Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Na adolescência os jovens tornam-se mais sensíveis aos problemas e necessidades uns dos outros. Quando se sentem angustiados, olham para os amigos com compreensão, compaixão e ajuda. Esta ajuda pode assumir muitas formas, incluindo orientações e aconselhamento, apoio instrumental (p.e.g., emprestar dinheiro) e apoio emocional (p.e.g. chorar no ombro) (Blue-Banning & Pereira, 2000 cit. por Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Durante a fase da adolescência, um dos aspectos da amizade que sofre uma melhoria (comparativamente com o período da infância), é a gestão de conflitos. Os amigos que discordam e argumentam uns com os outros apresentam uma maior capacidade de gerir os conflitos e de resolver as suas diferenças (Berndt, 1996 cit. por Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

As características mencionadas pelos adolescentes, como fazendo parte da designação de amizade, são semelhantes às que as crianças possuem. Contudo, a lealdade, o comprometimento, a competição (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2011), a intimidade, a honestidade, a descoberta de si mesmo e dos outros e ainda a obtenção de prazer relacional, passam a ser também mencionados pelos mesmos, como aspectos importantes e integradoras do conceito de amizade (Cordeiro, 2006).

Os adolescentes esperam ainda que os amigos não se traiam uns aos outros e que a confiança prevaleça, partilhando detalhes íntimos uns com os outros, sem receio de serem criticados (Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Nesta fase de desenvolvimento, as amizades podem ser afectadas por dois factores, a preferência e as oportunidades de contacto. No que concerne ao factor preferência, os sujeitos mostram-se atraídos por outros sujeitos que têm valores e opiniões semelhantes às suas. O factor oportunidade de contacto mostra que os sujeitos estão mais propensos a fazer amigos em ambientes sociais, onde interagem repetidamente com as mesmas pessoas, como por e.g. na escola (Ko & Buskens, 2011).

Os melhores amigos são os sujeitos com quem se partilham os interesses e segredos, confiando sempre que estes não os revelaram, com quem se passa a maior parte do tempo e com o qual se envolve em actividades semelhantes (Berndt, 2002), bem como desejam o bem uns aos outros e dão atenção ao que se sucede uns com os outros (Mokhtari, 2008).

Os adolescentes, tal como as crianças, também apontam a conversa como a actividade mais realizada entre amigos. Quanto aos temas mais abordados, encontram-se os rapazes, a sexualidade, os problemas e relações familiares, a televisão, as festas, o desporto (Garcia & Dettogni, 2010), os gostos e actividades, os sentimentos, projectos de vida (Mokhtari, 2008) e sobre si próprios (Coleman & Hendry, 1999).

As relações de amizade na idade adulta

Com a chegada à idade adulta, os sujeitos tendem a afastar-se mais do contexto familiar e as relações de amizade fora desse contexto, passam a ser em número mais limitado, esperando-se que os laços estabelecidos sejam mais fortes (Peron, Guimarães & Souza, 2010) e durem ao longo dos tempos, ao contrário do que acontece no período da infância (DeSousa & Cerqueira-Santos, 2011).

Apesar de se dar um afastamento da família, os sujeitos continuam a apontar os seus membros como sendo seus amigos (Barry & Madsen, 2012).

Nesta fase de desenvolvimento, a identidade do sujeito já se apresenta definida, logo as relações de amizade estarão mais fortemente associadas à felicidade (Demir, Ozen, Dogan, Bilyk & Tyrell, 2011). E caracterizam-se por ser mais homogêneas, no que diz respeito ao género, idade, estado civil, nível de escolaridade, religião, etnia, interesses e actividades partilhadas, duração e tipo de amizade, trocas afectivas, ajuda instrumental, aconselhamento, confiança, frequência de interacção, aceitação, respeito e contacto físico (não sexual) (Fehr, 1996; Souza & Hutz, 2008).

Tal como na adolescência, a amizade poderá ter a sua origem inscrita no ambiente onde os indivíduos passam a maior parte do dia (e.g. local de trabalho). Quanto maior a frequência com que se passa e vê determinada pessoa, maior a sua familiarização em relação à mesma, aumentando o seu grau de afinidade e semelhança com a mesma, mesmo que não exista muita interacção (Fehr, 1996).

A durabilidade das relações nesta fase é maior e estas são vistas como sendo mais satisfatórias. No entanto podem ter um término. Sendo que por um lado este término pode ser visto como positivo para o sujeito, fazendo com que detenha novas oportunidades de criar novos laços de amizade. E por outro lado, pode ser negativo, uma vez que se gera no sujeito o sentimento de perda e tristeza (Parker & Seal, 1996).

Os relacionamentos só perduram, quando os sujeitos se encontram envolvidos e disponíveis para investir tempo livre nos mesmos, bem como, se mostram companheiros e arranjam formas de resolver eventuais conflitos que se criem entre eles, sabendo perdoar (Souza & Hutz, 2008). É dado aos amigos o poder de expressar opiniões sobre a tomada de decisões importantes na vida uns dos outros (Barry & Madsen, 2012).

Os conflitos que surgem nas amizades entre adultos apresentam duas razões específicas, que são: os desencontros emocionais, tais como por e.g. as crenças, os valores e os parceiros sociais e as críticas, que recaem sobre o estilo de vida, os hábitos e as questões pessoais (Argyle & Furnham, 1983 cit. por Hartup & Stevens, 1997).

Segundo Rezende (2002 cit. por Casado, 2012) as amizades nesta fase da vida, são predominantemente feitas em díades e contempladas com afectos (e.g. abraços e beijos).

Quanto às amizades entre géneros, pode-se afirmar que os homens e as mulheres apresentam diferenças no que concerne aos laços estabelecidos (Barry & Madsen, 2012). As mulheres apresentam uma relação mais íntima, umas com outras e com uma qualidade mais elevada, no que diz respeito à sua profundidade, afectividade, solidariedade e diminuição de conflitos, quando em comparação com as amizades que

estabelecem com os homens (King & Terrace, 2008 cit. por Demir & Orthel, 2011). Os sentimentos que atribuem às amizades estabelecidas entre si, são vistas como mais positivas, bem como lhes dão uma maior satisfação, em comparação com a que estabelecem com os homens (Mendelson & Aboud, 1999 cit. por Souza & Hutz, 2007).

Segundo um estudo de Erbolato (2001 cit. por Souza & Hutz, 2007), as amizades estabelecidas entre sujeitos do mesmo gênero, são frequentemente mais apontadas, do que as amizades entre gêneros opostos. No entanto, é comum os homens referirem o estabelecimento de mais amizades com mulheres, que o contrário.

É importante ainda referir que as amizades entre sexos opostos, podem suscitar mais sentimentos negativos entre sujeitos, no que concerne à sua qualidade, do que a amizade entre sujeitos do mesmo sexo. Isto porque, os homens e as mulheres têm percepções diferentes relativamente às amizades que têm com pessoas do mesmo sexo e de sexo oposto (Souza & Hutz, 2007).

Deficiência Intelectual

Definição e Caracterização

A deficiência intelectual é um conceito que se refere a uma condição física, médica ou desenvolvimental que está subjacente a um sujeito desde o seu nascimento (condição neurodesenvolvimental), ou que poderá ser adquirida mais tardiamente a partir de um acidente, doença ou trauma. Essa condição limita a capacidade do sujeito se adaptar ao quotidiano, embora a sociedade por si mesma, crie barreiras que contribuem para esse comprometimento (Harris, 2011).

As limitações que esta condição traz ao sujeito, dão-se ao nível do seu funcionamento cerebral, que afecta áreas como a aprendizagem, a cognição e a adaptação. Esta desordem não é estática, vai sofrendo alterações conforme o apoio e o suporte que for fornecido ao sujeito. Quanto maior o apoio fornecido à pessoa deficiente intelectual, mais adaptada esta se torna ao mundo que a rodeia, tornando-a também mais independente (Harris, 2011).

Segundo Armatas (2009), a deficiência intelectual não contém apenas uma definição. Existem várias definições que apresentam diferentes pressupostos. Algumas têm em conta a pontuação dos testes padronizados de QI (quociente de inteligência), outras por sua vez cingem-se apenas à classificação dos comportamentos adaptativos e outras ainda, usam a pontuação dos testes de QI conjuntamente com a classificação dos comportamentos adaptativos, de modo a definir este conceito.

A CIF (Classificação Internacional de Funcionalidades) classifica deficiência intelectual, como uma condição que é resultado de uma limitação. Esta limitação pode dar-se ao nível do aparelho visual ou auditivo, ou do corpo, no que diz respeito à sua estrutura e funcionamento, bem como da parte intelectual (Sasaki, 2005).

A deficiência intelectual, segundo o DSM-IV-TR, pode ser dividida em quatro categorias (leve, moderada, grave e profunda) que mostram a natureza e a extensão da deficiência (Gates & Barr, 2009).

Na deficiência intelectual leve, os sujeitos apresentam um desenvolvimento mais lento do que o considerado típico. Ao nível da linguagem verbal existem pequenos atrasos que não são impeditivos de se manter uma conversa. No que concerne à autonomia, os sujeitos são bastante autónomos, o que lhes confere grande independência para viver o seu dia-a-dia. Relativamente às áreas mais afectadas, constam a parte emocional, social e comportamental. Há uma imaturidade que se denota ao nível das aprendizagens e competências escolares, bem como das questões relacionadas com as expectativas futuras de vida (Kober, 2010).

Segundo os testes padronizados de QI, a deficiência intelectual leve corresponde a um valor de QI de 50-55 a aproximadamente 70 (Gabbard, 2007).

A deficiência intelectual moderada é caracterizada pela existência de atrasos do desenvolvimento, em especial ao nível da linguagem, compreensão e autonomia motora, podendo por vezes ser necessária a supervisão destes sujeitos (Kober, 2010). Num geral, tem a capacidade de adquirir aptidões básicas ao nível da leitura, escrita e também da contagem. E em adultos contêm a capacidade de adquirir um trabalho que seja prático, desde que contudo esteja devidamente estruturado (Kober, 2010).

Ao nível social e da comunicação, estes sujeitos apresentam dificuldades. Conseguem estabelecer um diálogo com os demais, embora a forma utilizada seja mais básica do que os sujeitos com deficiência intelectual leve, mas como compreendem o que lhes é dito, quando não conseguem fazê-lo de forma verbal, expressam-se através de sinais manuais. As actividades em que se envolvem são pouco complexas (Kober, 2010).

O valor de QI da deficiência intelectual moderada encontra-se entre 35-40 a aproximadamente 50-55, segundo os testes padronizados (Gabbard, 2007).

A deficiência intelectual grave assemelha-se muito à deficiência intelectual moderada, diferindo apenas no aspecto do desempenho nas tarefas que é mais limitado, pois estes sujeitos muitas vezes possuem problemas motores associados (Kober, 2010).

A deficiência intelectual grave corresponde a um valor de QI de 20-25 a aproximadamente 35-40 (Gabbard, 2007).

Na deficiência intelectual profunda os sujeitos apresentam grandes limitações no que diz respeito à capacidade de compreensão de instruções e solicitações. E necessitam de cuidados permanentes, estando dependentes dos responsáveis. Quanto à comunicação, ou não possuem ou é muito rudimentar (Kober, 2010). Neste tipo de deficiência, o valor de QI encontra-se abaixo dos 20-25 (Gabbard, 2007).

Conhecendo o valor de QI dos sujeitos com deficiência intelectual torna-se possível avaliar e conhecer melhor as suas limitações, e assim fazer corresponder um nível de sistema de apoio, um tipo de ambiente e oportunidades a que estes têm direito (Gates & Barr, 2009).

O sistema de classificação de apoio da Associação Americana da Deficiência Intelectual e Desenvolvidor (AAIDD) identifica as áreas fortes e fracas dos sujeitos, tendo em conta as suas características psicológicas e emocionais, descreve o estado de saúde geral, indica a etiologia da condição e ainda, descreve o envolvimento actual dos mesmos indicando aquele que melhor facilitaria a continuação do seu crescimento e desenvolvimento (Shalock, Borthwick-Duffy, Buntinx, Coulter & Craig, 2010).

De acordo com este sistema, existem quatro níveis de sistemas de apoio (intermitente, limitado, extensivo e permanente), que permitem conhecer as necessidades dos sujeitos deficientes intelectuais, possibilitando-lhes um melhoramento ao nível do seu funcionamento nos diversos ambientes onde se encontram integrados (por e.g. a família, escola, instituição, entre outros) (Ventosa & Marset, 2003).

O intermitente, onde o apoio que é prestado é específico numa dada altura da vida do sujeito (e.g. transição) e que contém uma duração bastante limitada; o limitado, neste nível o apoio fornecido é mais consistente, nomeadamente no que diz respeito a tarefas de carácter específico e a durabilidade é limitada; o extensivo, onde o apoio prestado é feito a tempo inteiro, mas apenas em algumas áreas e por fim, o permanente, neste o apoio é fornecido de forma intensa e em todas as áreas da vida quotidiana (Gates & Barr, 2009).

É importante referir que o diagnóstico de deficiência intelectual é feito com base no conhecimento da existência de limitações ao nível do funcionamento intelectual (dada através da pontuação de QI obtida por instrumentos de avaliação específicos), no conhecimento da existência de limitações ao nível do comportamento adaptativo e ainda, tendo em conta a idade do sujeito (<18 anos de idade), pois existem outras

deficiências que ocorrem somente mais tarde na vida dos sujeitos, daí a importância destes terem que ter menos de 18 anos quando efectuada a avaliação (Shalock, Borthwick-Duffy, Buntinx, Coulter & Craig, 2010).

Causas da Deficiência Intelectual

A deficiência intelectual tem a sua origem durante o período de desenvolvimento fetal ou no período após o nascimento do bebé (Shalock, Borthwick-Duffy, Buntinx, Coulter & Craig, 2010). Esta pode ser causada por factores biológicos e/ou psicossociais, que se manifestam ao nível do funcionamento intelectual e do comportamento adaptativo (Armatas, 2009).

As causas biológicas ou orgânicas, que podem estar na origem da deficiência intelectual são: as anomalias genéticas (Coon & Mitterer, 2010), os distúrbios ao nível do metabolismo normal (Coon & Mitterer, 2010), a influência pré-natal adversa (isto é, por e.g. doenças que a mãe possua durante a gravidez, ou exposição da mesma a drogas, álcool ou substâncias tóxicas), os perigos perinatais (por e.g. anoxia) e os factores neonatais (por e.g. meningite ou encefalite) (Batshaw, Roizen, Anthony, Campbell, Desch, Kenworthy & Pellegrino, 2012).

As causas psicossociais, também podem estar na origem de uma deficiência intelectual, através de factores como a pobreza, a desnutrição, a falta de estimulação, a negligência física e emocional, ter pais que apresentem algum tipo de distúrbio a nível cognitivo ou psiquiátrico (Westwood, 2009) e lesões do cérebro ou infecções do bebé (Shalock, Borthwick-Duffy, Buntinx, Coulter & Craig, 2010).

Existem ainda outras causas que podem estar na origem desta deficiência, como é o caso de outra deficiência. Isto é, a deficiência intelectual pode estar associada a outra deficiência, sendo a sua consequência (Garcia, 2011).

O que leva a determinar todas as causas mencionadas, são os critérios etiológicos, ou seja, as causas orgânicas ou disfunções e a prevenção genética (Garcia, 2011).

As causas principais para a deficiência intelectual têm origem nos factores endógenos (hereditariedade), perturbações mentais, factores exógenos, influências ambientais e nos estados físicos gerais adquiridos na infância (Garcia, 2011).

A Deficiência Intelectual e as Relações de Amizade

As Relações de Amizade no Período de Infância e Adolescência de Pessoas com Deficiência Intelectual

Nas crianças com deficiência, as interações sociais que se estabelecem são em menor número (Guralnick, 1999 cit. por West, 2008), em comparação com as crianças com desenvolvimento típico.

Segundo vários estudos, desde o período da infância que as crianças com deficiência intelectual (especialmente as portadoras de Síndrome de Down) apresentam dificuldades em estabelecer laços de amizade, contendo poucos ou nenhuns amigos nas suas redes sociais, sendo muitas vezes rejeitadas ou negligenciadas (Reed, McIntyre, Dusek & Quintero, 2011). As ligações que desenvolvem com estas são pouco, ou nada desenvolvidas e não possuem qualquer tipo de reciprocidade, levando as crianças a sentirem-se sozinhas (Guralnick, 2011).

É importante notar que apesar deste tipo de crianças apresentar dificuldades em formar amizades, existem várias características ao nível do desenvolvimento (e.g. idade mental, habilidades sociais e linguagem), da etiologia da deficiência e ainda do contexto, que contribuem para a formação destes laços (Reed, McIntyre, Dusek & Quintero, 2011). Através de alguns estudos, pode-se verificar que, geralmente o contacto social que as crianças deficientes intelectuais criam com outras crianças, é iniciado pelas primeiras, tendo por interesse a actividade que as outras crianças estão a realizar (e.g. brincar) (Coelho, Tavares & Garcia, 2006).

As crianças com deficiência intelectual são muitas vezes educadas em instituições de ensino regular. A estas instituições cabe geralmente, a responsabilidade da inclusão e o estabelecimento e formação de relações de amizade entre as crianças. Contudo, tem-se verificado que apesar deste esforço, é difícil para as crianças com deficiência intelectual criarem esses laços de modo a que perdurem no tempo e que esses se estendam para fora do espaço onde os criaram (e.g. escola, instituição). Isto é, quando o horário institucional termina, a relação que se estabeleceu nesse período, também termina (D'Haeme, 2008). É importante para a criança que a relação transcenda um contexto específico, para que tal ocorra, é necessária a ajuda dos pais (Matheson, Olsen & Weiner, 2007).

Segundo um estudo de Reed, McIntyre, Dusek e Quintero (2011), as crianças com deficiência intelectual ligeira e moderada, mostram preferência em socializar e fazer amizades com crianças na mesma condição.

Quanto aos conflitos, estas crianças, apresentam dificuldades na sua resolução de modo apropriado (Guralnick, Hammond, Connor & Neville, 2006).

Na adolescência, os jovens deficientes intelectuais, tal como todos os jovens durante esta fase, estabelecem mais laços com outras pessoas fora do contexto familiar. Contudo, a independência e as perspectivas sociais e ocupacionais que experienciam são limitadas, o que fará com que em adultos não sejam tão independentes quanto desejariam ser (Bonono, Agnaldo & Rossetti, 2009).

Os adolescentes com deficiência de desenvolvimento enfrentam muitos problemas em encontrar e manter relações de amizade (Matheson, Olsen & Weisner, 2007). Segundo um estudo de Hutchinson (1990), os jovens com deficiência intelectual moderada, mencionam a existência de obstáculos, como um dos principais problemas para o facto de não possuírem amigos. Ou seja, as baixas expectativas dos familiares e profissionais em relação às suas necessidades, os interesses ou capacidades de fazer amigos especialmente com jovens sem nenhuma deficiência, a falta de incentivo e ainda a interferência dos pais e profissionais num processo que deveria ocorrer de forma natural e não “forçada”, foram alguns dos obstáculos mencionados.

Contudo, os pais destes adolescentes preocupam-se com as relações sociais dos seus filhos, incluindo se são ou não capazes de estabelecer e manter estes laços de forma satisfatória (Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Os jovens com deficiência intelectual leve mostram preferência em compartilhar segredos com outros jovens na mesma condição e atribuem características como a diversão, ajuda e entretenimento como traços positivos das relações de amizade (Heiman, 2000 cit. por Mokhtari, 2006). As relações são, no entanto menos íntimas, menos estáveis, mais conflituosas ao contrário do que acontece com os adolescentes com desenvolvimento típico (Matheson, Olsen & Weisner, 2007).

Um bom amigo é definido como uma “pessoa que dá apoio emocional” (Mokhtari, 2006), é leal e gentil, a quem se pode pedir ajuda, com quem se gosta de partilhar as mesmas actividades (Cuckle & Wilson, 2002), dá suporte, afectos e com quem se comunica (Inácio, 2011).

Em suma, os jovens com deficiência intelectual leve e moderada conceptualizam o termo amizade, não apresentando diferenças muito significativas em relação aos jovens com desenvolvimento típico (Brito, 2010).

Relações de Amizade na Idade Adulta de Pessoas com Deficiência Intelectual

Nesta fase da vida, tal como nas fases anteriores de desenvolvimento, as relações de amizade, continuam a ser vistas como escassas. As pesquisas indicam que existem várias barreiras práticas que podem ser impeditivas do desenvolvimento e manutenção destes laços (Mirfin-Veitch, 2003). A escassez de recursos monetários e de transporte que os impossibilita de se deslocarem ao encontro uns dos outros; a falta de confiança em si próprio, que derivada da superprotecção dos seus cuidadores; as atitudes das próprias famílias ou responsáveis pelos mesmos (Mirfin-Veitch, 2003); a falta de autonomia e acessibilidade a redes de comunicação (e.g., telefones) (Bray, Gates & Beasley, 2003); a falta de experiência em relações mais estreitas e ainda os comportamentos inadequados (Mirfin-Veitch, 2003) fazem parte dessas limitações.

Contudo, apesar da dificuldade que é ter amigos na condição de deficiente intelectual, a amizade é apontada pelos adultos como parte integrante das suas vidas (Hughes, Redley & Ring, 2011).

Os adultos com deficiência intelectual moderada, segundo um estudo de Knox e Hickon (2001), utilizaram a expressão “ajudar uns aos outros”, ou seja, a ajuda mútua como uma das características mais importantes e predominantes das relações de amizade. A reciprocidade foi outra característica apontada pelos mesmos, como sendo igualmente importante.

A amizade pode ser mantida com base na aceitação, gosto de passar a noite em casa uns dos outros, passear e partilhar interesses (e.g., cinema) (Dia & Harry, 1999).

Os adultos deficientes intelectuais (leves e moderados) mostram interesse e afirmam que gostariam de ter mais contacto com os seus amigos, principalmente quando estão em casa. No entanto, segundo Shokoohi-Yeta & Hendrickson (2010), é difícil pois os responsáveis por estas pessoas não lhes dão oportunidade, nem qualquer incentivo para que tal ocorra. Alguns indivíduos mostram-se insatisfeitos com o controlo que lhes é imposto, sentindo-se condicionados às decisões que os responsáveis tomam sobre eles, desde aspectos como, onde vão habitar, como ocupam os seus tempos livres e ainda com quem se devem ou não relacionar. Isto é, os cuidadores

possuem a tarefa de aumentar ou limitar as oportunidades dos seus filhos estabelecerem relações sociais e de amizade fora do contexto familiar (Mirfin-Veitch, 2003).

A continuidade das relações de amizade é outra característica que também só será permitida, caso os responsáveis/cuidadores por estes adultos o permitam (Mirfin-Veitch, 2003).

Relativamente à reciprocidade da amizade nos sujeitos sob esta condição, pode-se afirmar que é existente na grande maioria dos casos (Castles, 1996), contudo há sujeitos que afirmam não poder oferecer nada às relações de amizade e portanto vêm-nas como não recíprocas (Mirfin-Veitch, 2003). Tal como foi observado num estudo realizado no Instituto David Beasley (2001 cit. por Mirfin-Veitch, 2003), algumas mulheres adultas com deficiência intelectual afirmaram que, para se ser uma boa amiga tinha que se possuir a capacidade de apoiar emocionalmente e de forma prática os amigos, sempre que estes precisassem. Aptidão que não possuíam, mas que mostravam interesse em adquirir (Mirfin-Veitch, 2003).

As pesquisas indicam que é necessário que exista ajuda e apoio contínuo, quer de serviços, quer dos responsáveis, para que se proporcionem e/ou se mantenham relações de amizade entre os adultos com deficiência intelectual (Bray, Gates & Beasley, 2003). Os próprios sujeitos apontam este gosto e esta necessidade de ter assistência prática, no que concerne ao iniciar um contacto com os seus amigos e convidá-los para os irem visitar (McVilly, Stancliffe, Parmenter, & Burton-Smith, 2006). No entanto, é importante referir que estes serviços podem ajudar na construção de amizades, não devendo exercer controlo sobre os sujeitos que usufruem dos mesmos, mas sim conferir-lhes máxima autonomia (Mirfin-Veitch, 2003).

Para existirem as relações de amizade, têm que existir os amigos. Os amigos são elementos importantes na vida de qualquer indivíduo, em especial os que se encontram na condição de deficiência. Quando os indivíduos com deficiência intelectual, não possuem relações de amizade, apontam aspectos como a solidão, o isolamento, a infelicidade, a doença e/ou a depressão (Mirfin-Veitch, 2003), como consequências da sua ausência.

Um amigo é mencionado por estes adultos, como alguém com quem se estabelece uma ligação (apesar de não íntima), de companheirismo a longo prazo, alguém com quem se partilha um crescimento e compartilham histórias de vida e experiências (Stoyanova, 2008). São pessoas com quem se tem necessidade de organizar actividades onde todos possam conviver, estar juntos de modo a manter os laços já estabelecidos

(p.e.g. convidar para jantar) (Knox & Hickson, 2001; Stoyanova, 2008). Alguém por quem se sente uma grande afinidade, traz confiança e dá apoio e que lhes oferecem presentes em ocasiões especiais (Stoyanova, 2008).

Um melhor amigo, segundo os adultos com deficiência intelectual, com idades compreendidas entre os 15 e os 52 anos, é alguém que se encontre na mesma condição que eles, com quem já frequentaram a escola, um colega de trabalho ou um namorado (McVilly et al., 2006). Pode ocorrer contudo que, os adultos com deficiência intelectual nomeiem como amigos, as pessoas que são pagas para trabalharem com eles (e.g. técnico), em vez dos seus pares (Jobling, Moni & Nolan, 2000), pois são estas pessoas que a seu ver lhes transmitem mais estabilidade (Newton, Olson & Homer, 1995), bem como assumem a liderança na maioria das situações, auxiliando-os na aprendizagem de novas habilidades (Hardman & Clark, 2006).

Método

Objectivo, Natureza e Tipo de Estudo

O estudo tem uma natureza essencialmente descritiva, tendo por objectivo conhecer como os adultos com deficiência intelectual representam o conceito de amizade. Partindo deste objectivo e de modo a responder a algumas questões designadas pertinentes para conhecer esta realidade, será apresentada em seguida a metodologia utilizada na sua realização.

O estudo teve como metodologia a investigação qualitativa, uma vez que se pode aprofundar mais o estudo, partindo de algo que supostamente não é observável, ou seja, do que está por detrás das razões de determinado fenómeno ocorrer. Para recolher os dados basta o próprio investigador, que através da sua sensibilidade consegue saber qual a qualidade dos dados.

Delineamento do Estudo

Neste estudo, optou-se por utilizar um delineamento descritivo, pois tinha como objectivo obter uma explicação detalhada do fenómeno da representação da amizade no contexto da deficiência intelectual. Não se procurava explorar o fenómeno de acordo com as formulações teóricas que já existem, pelo contrário procurava-se através destas encontrar novos insights e uma melhor compreensão do fenómeno em estudo.

Um outro delineamento que também se optou por utilizar foi, um delineamento instrumental, pois os casos que foram analisados são apenas exemplares do fenómeno da representação da amizade no contexto das necessidades especiais, em específico da deficiência intelectual, em geral. Ou seja, a questão de investigação escolhida, identificou qual o fenómeno em estudo e os casos escolhidos foram ilustrativos para explorar como é que é feita a representação da amizade e como são feitas as suas relações no particular.

O método de recolha de dados utilizado foi o misto, ou seja, o que possui dados que ocorreram naturalmente e dados que foram gerados. Estes últimos permitem ao participante descrever os contextos pessoais ou organizacionais em que se situa a questão de investigação e de que maneira esta está relacionada com os dados que

ocorrem naturalmente para compreender o fenómeno investigado (amizade). Os dados naturais são aqueles que ocorreram de forma natural, durante a entrevista, sem que o entrevistador esteja à espera (e.g., no caso estudado, um dos participantes falou do facto de ter trissomia 21 mas não considerar isso uma impedimento para estabelecer relações de amizade fora do contexto onde está habitualmente inserida, entre outros).

Participantes

Os participantes do estudo apresentado foram seleccionados através de uma amostragem não-probabilística intencional. Isto é, não-probabilística porque não se conhece a probabilidade de um elemento da população ser escolhido para participar no estudo, há uma escolha deliberada dos elementos participantes e há confiança no julgamento pessoal do pesquisador. E intencional, porque houve um interesse por parte do investigador na opinião de determinado elemento/característica representativa da população.

Os sujeitos analisados neste estudo, foram 30 adultos com deficiência intelectual moderada (segundo a indicação da coordenação da instituição), com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos. Sendo que 70% dos participantes são do sexo feminino (n=21) e 30% são do sexo masculino (n=9). Todos os sujeitos encontram-se a frequentar um Centro de Actividades Ocupacionais, situado na grande área de Lisboa.

Tal como podemos verificar através da análise da tabela nº1, em termos etários, a maioria dos adultos entrevistados (n=40%), encontram-se entre os 30 e os 34 anos, sendo 20% do sexo feminino (n=6) e os outros 20% do sexo masculino (n=6). Apenas 13.3% dos sujeitos contêm 35 anos de idade, sendo todos do sexo feminino (n=4).

Tabela 1- Caracterização dos adultos com deficiência intelectual em função do género e idade (anos)

Género	Idade			
	25	26-29	30-34	35
Feminino	13.3%	23.3%	20%	13.3%
Masculino	6.7%	3.3%	20%	0
Total	20%	26.7%	40%	13.3%

Relativamente ao agregado familiar do adulto deficiente intelectual, pode-se verificar através da análise da tabela nº2 que a maioria dos sujeitos, ou seja 66.7% vive com os pais (n=20).

Tabela 2- Composição do agregado familiar com quem vive o adulto com deficiência intelectual

Composição do agregado familiar	n de sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)
Ambos (pai e mãe)	20	66.7%
Só pai ou mãe	7	23.3%
Outros	3	10%

Instrumentos

Como técnica de recolha dos dados para este estudo optou-se por utilizar a entrevista semi-estruturada individual ou semidirectiva.

A entrevista é uma acção que se manifesta pela troca de palavras (conversa, discussão ou diálogo) entre duas ou várias pessoas (Le Petit Robert cit. por Bénomy & Chaharaoui, 2002). É um instrumento de recolha de dados, muito utilizado na obtenção de informações. Através desta técnica, o investigador dirige-se ao (s) entrevistado (s) e aplica-lhe (s) questões, de forma a obter respostas de teor qualitativo, que mais tarde serão analisadas (Vanice dos Santos & Candeloro, 2006).

Na entrevista semi-estruturada, o investigador elabora previamente algumas perguntas-guia, abertas e exploratórias, que seguem um roteiro básico. Isto é, o investigador coloca questões ao (s) sujeito (s) entrevistado (s), sem respeitar uma ordem específica, de forma a explicar as elucubrações que melhor lhe convêm (Vanice dos Santos & Candeloro, 2006).

Uma das principais vantagens deste tipo de entrevista é o facto de favorecer a descrição de fenómenos sociais e a compreensão da realidade (Araújo, 2004). Mas não é só, também mantêm um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões (Costa, C., Rocha, G. & Acúrcio M., 2005).

Neste estudo optou-se por desenvolver uma entrevista através de perguntas abertas, visto ter-se mostrado o mais adequado para o levantamento de dados sociais, proporcionando uma panóplia de respostas variadas, deixando os sujeitos entrevistados à vontade para se expressarem livremente. Para uma melhor recolha dos dados recorri ao uso de um gravador, sendo posteriormente utilizado para a transcrição da entrevista.

O roteiro das questões foi construído tendo em conta a literatura analisada e o objectivo do estudo. Contudo, algumas questões apesar de não terem literatura que lhes desse suporte foram incluídas devido à sua pertinência.

Assim, para a primeira parte do guião da entrevista foram elaboradas as seguintes questões:

1. Sexo (Masculino ou Feminino)
2. Idade
3. Agregado Familiar

Estas questões tinham como principal objectivo, caracterizar os participantes do estudo.

Na segunda parte do guião, encontravam-se as questões mais direccionadas para o objectivo do estudo, ou seja, conhecer como adultos com deficiência intelectual caracterizam as relações de amizade. E assim, saber se as respostas iriam de encontro ao esperado e encontrado na literatura existente (e.g. Hughes, Redley & Ring, 2011; Mirfin-Veitch, 2003; Mokhtari, 2006; Shokoohi-Yeta & Hendrickson, 2010).

Tendo em conta o mesmo, foram colocadas as seguintes questões:

1. O que é a amizade?
2. O que é um amigo?
3. O que é um melhor amigo?
4. É importante ter amigos? Porquê?

Estas questões foram elaboradas com o objectivo de conhecer como os participantes percebem os conceitos de amizade, amigo e melhor amigo e a importância que os amigos têm nas suas vidas.

5. Foste tu que escolheste os teus amigos?
6. Em que sitio conheceste os teus amigos?
7. Tens mais amigos (rapazes) ou amigas (raparigas)? Porquê?
8. Achas-te parecido com os teus amigos? (Sim ou Não) Porquê?

As questões mencionadas tinham como principal objectivo verificar aspectos mencionados na literatura, referentes às relações de amizade, tais como acontece na questão (5), por e.g., em que o objectivo principal era o de conhecer se a escolha dos amigos, era para os sujeitos participantes do estudo uma acção voluntária ou não.

9. Onde costumavas passar mais tempo com os teus amigos?
10. O que costumavas fazer com os teus amigos quando estão juntos?
11. Quando estão juntos sobre o que costumam conversar?
12. Já alguma vez te encontraste com os teus amigos fora do centro? (Se sim)

Onde? O que fizeram? (Se não) Porque é que nunca te encontraste com os teus amigos fora do centro?

13. Já alguma vez os teus amigos foram a tua casa? Já foste a casa de algum dos teus amigos? (Sim) O que fizeram? (Não) Porquê?

Estas tinham como objectivo, conhecer como os participantes ocupam o tempo que possuem para estar na companhia dos amigos, bem como o que fazem para manter os laços de amizade estabelecidos.

De modo, a conhecer a forma de agir dos amigos quando perante um conflito foram colocadas as seguintes questões:

14. Já alguma vez te zangaste com os teus amigos? (Se sim) Porque é que se zangaram? E como é que resolveram o problema da zanga?

Procedimento

Primeiramente foi contactada a instituição, localizada na grande área de Lisboa, na qual se pretendeu recolher os dados da amostra. Este primeiro contacto com a instituição serviu para explicitar o tipo de trabalho a desenvolver e antever qual a disponibilidade da mesma para colaborar no estudo.

Após a realização destes procedimentos iniciais e depois de os pais dos sujeitos terem sido informados pela direcção da instituição, através de um consentimento informado (Anexo A) no qual se encontrava descrito o objectivo do estudo e a importância da sua colaboração, foram marcadas e posteriormente efectuadas entrevista semi-estruturadas a três sujeitos, de modo a efectuar um pré-teste. O pré-teste serviu para assegurar que todos os aspectos relevantes à questão de investigação fossem mencionados, bem como para aprimorar os procedimentos utilizados. Ou seja, durante o pré-teste procurou-se verificar se as questões colocadas eram respondidas de forma adequada e puderam-se verificar algumas dificuldades de compreensão em duas das questões, tornando-se então pertinente, efectuar pequenos ajustes nas palavras, passando de “Onde conhecestes os teus amigos?” e “Onde costumavas passar mais tempo com os teus amigos?” a “Em que sitio (s) é que conhecestes os teus amigos?” e “Costumas estar mais tempo com os teus amigos em que sitio (s)?”.

Com as alterações efectuadas, passou-se à recolha dos dados através da entrevista semi-estruturada a cada um dos 30 sujeitos da amostra. A entrevista semi-estruturada foi realizada com o intuito de ficar a conhecer a visão dos sujeitos, a sua representação da amizade e como são as suas relações.

A entrevista foi realizada no Centro de Actividades Ocupacionais que os sujeitos frequentam, no dia e hora combinada. Cada entrevista teve a duração de cerca de 15 a 20 minutos.

A informação foi recolhida com o auxílio de um gravador áudio, onde ficou registada toda a informação para que posteriormente se pudesse proceder à sua transcrição e respectiva análise. A confidencialidade dos participantes foi salvaguardada.

A análise de conteúdo foi efectuada tendo em conta toda a informação fornecida pelos sujeitos participantes do estudo. E através desta formaram-se tabelas onde se encontram as respostas dos participantes a cada uma das questões, por categorias (temas principais) e subcategorias (temas secundários), com as percentagens das frequências relativas e absolutas de todas as respostas. Nas categorias encontram-se as análises dos conteúdos relativo ao que é definido nas respostas dadas pelos sujeitos e nas subcategorias, encontram-se os conteúdos dos temas principais, mas de um modo mais específico. Através deste procedimento é possível, existirem várias categorias, dependendo do tipo de resposta dada pelo participante às questões.

É importante referir que a análise de conteúdo e a categorização, são metodologias que podem apresentar algumas desvantagens, nomeadamente o facto de apresentarem-se bastante subjectivos e pouco rigoroso, aquando a interpretação das respostas obtidas.

Categorias de Análise – Definição

Uma vez tratando-se de um estudo qualitativo, cuja recolha de dados foi feita através da entrevista, tal como foi referido anteriormente, recorreu-se à análise de conteúdo como método de tratamento dos dados recolhidos durante a mesma, de modo a classificar e a organizar os elementos em categorias (Moraes, 1999).

A categorização foi o procedimento escolhido para este estudo. Este permitiu agrupar e ordenar os dados obtidos, tendo em conta o que eles tinham em comum (Moraes, 1999). Bem como, permitiu ter acesso a uma representação simplificada dos dados “brutos” obtidos (Bardin, 1997).

Neste estudo, optou-se por fazer a definição das categorias em temas (palavras e frases) a partir das respostas obtidas pelos participantes para cada uma das questões que lhes foram colocadas durante a entrevista. Sendo que, uma mesma resposta não deveria constar em dois grupos em simultâneo. As categorias foram criadas tendo em conta os critérios de semelhança entre conteúdos. Foram elaborados quadros síntese (Anexo B),

de modo a tornar mais simples a exploração dos conteúdos das entrevistas (transcritas integralmente, num primeiro momento do estudo).

Assim sendo, em seguida serão apresentadas as categorias, subcategorias e os exemplos de resposta por questão, que foram definidos para o tratamento dos dados das entrevistas realizadas aos adultos com deficiência intelectual.

“O que é a amizade?”

Através das respostas obtidas nas entrevistas, foi possível criar-se quatro categorias para esta questão:

1. Suporte de amigo – por suporte de amigo definiu-se, o que é esperado pelos sujeitos (acções), uns dos outros, quando se encontram numa relação de amizade. Os participantes deste estudo nomearam aspectos como: a *ajuda* (e.g. “*a gente ajuda uns aos outros*” (sic) – sujeito 27), a troca e partilha de *afectos* e *sentimentos* (e.g. “*é uma pessoa gosta um, outro*” (sic) – sujeito 20), a *confiança* (e.g. “*ter confiança nas pessoas*” (sic) – sujeito 8), a *comunicação* (e.g. “*e às vezes comunicam, falam*” (sic) – sujeito 4) e o “*ser amigo*” (e.g. “*somos todos amigos*” (sic) – sujeito 11) (subcategorias), como as acções subjacentes ao papel de amigo. Esta categoria foi mencionada noutras questões (e.g. “*o que é um amigo*”; “*o que é um melhor amigo*”), contendo a mesma definição.

2. Convívio/Lazer – forma como os sujeitos envolvidos nas relações de amizade passam o tempo quando estão juntos, isto é, as actividades conjuntas que são vistas pelos participantes como típicas da relação de amizade (e.g. “*amizade é sair com os amigos, ir ao cinema, passear, jantar fora, almoçar*” (sic) – sujeito 12).

3. Aspectos Positivos – esta categoria engloba as respostas dadas pelos participantes, que caracterizam as relações de amizade como positivas (e.g. “*é uma coisa muito boa...é uma coisa alegre, uma coisa muito óptima...a amizade é uma coisa mesmo muito boa*” (sic) – sujeito 1).

4. Não sei – esta categoria foi criada para se integrarem as respostas que revelam, neste caso o não conhecimento do conceito por alguns participantes (e.g. “*não sei*” (sic) – sujeito 13). Tendo sido utilizada noutras questões e integrando respostas que revelassem o não conhecimento de algo por parte dos adultos com deficiência intelectual entrevistados.

“O que é um amigo?”

As categorias que se criaram para esta questão foram:

1. Parceiro de Actividades de Lazer – alguém com quem se compartilham actividades de lazer e culturais (e.g. *“pintar comigo”* (sic) – sujeito 13).

2. Características Pessoais – esta categoria foi criada com o objectivo de descrever os atributos pessoais, que para os sujeitos entrevistados fazem parte do “ser amigo”. Esta categoria subdividiu-se em – *bom comportamento* (e.g. *“é alguém que se porta bem”* (sic) – sujeito 5), *ser especial* (e.g. *“é especial”* (sic) – sujeito 9) e *ser amigo* (e.g. *“um amigo é...é ser amigo”* (sic) – sujeito 7). Esta categoria também foi mencionada noutras questões, contendo a mesma definição (e.g. *“o que é um melhor amigo”* (sic)).

3. Suporte de Amigo - a categoria suporte de amigo subdividiu-se em – *confiança* (e.g. *“alguém que é de inteira confiança, que devemos confiar”* (sic) – sujeito 8), *comunicação* (e.g. *“um amigo é para a gente conversar”* (sic) – sujeito 19), *afecto* (e.g. *“gostam de mim”* (sic) – sujeito 2), *apoio/ajuda* (e.g. *“ser amigo é ajudar os outros”* (sic) – sujeito 6) e *presença constante* (e.g. *“é estar ao pé da pessoa”* (sic) - sujeito 3).

“O que é um melhor amigo?”

As categorias que se formaram para esta questão foram:

1. Parceiro de Actividades Culturais e de Lazer – alguém que os acompanha nas actividades de lazer e de cultura (e.g. *“vai comigo às vezes ao cinema”* (sic) – sujeito 12; *“com quem pinto...brinco”* (sic) – sujeito 17).

2. Características Pessoais (do melhor amigo)

3. Suporte de amigo - esta categoria, mais uma vez à semelhança do que aconteceu com a questão anteriormente mencionada, foi dividida em subcategorias – *afecto e sentimentos, comunicação, ajuda, companheirismo* (e.g. *“já conheço desde bebé”*(sic) – sujeito 11), *apoio emocional* (e.g. *“estar sempre a ajudar quando ele precisa e se eu precisar também ele me ajuda”* (sic) – sujeito 10) e *confiança*.

4. Não sei

“Tens muitos ou poucos amigos? Porquê?”

De modo a conhecer-se os motivos que levam os participantes a afirmar ter muitos ou poucos amigos, foram criadas três categorias:

1. Razões para ter muitos amigos – nesta categoria incluíram-se as respostas que os participantes mencionaram como sendo as razões para terem muitos amigos. Esta subdividiu-se em quatro subcategorias: *facilidade* (e.g. “*porque é fácil, é fácil fazer amigos*” (sic) – sujeito 1), *características pessoais positivas* (e.g. “*porque sou simpática*” (sic) – sujeito 15), *afectos/apreciação* (e.g. “*gostam de mim*” (sic) – sujeito 7) e *sem resposta*.

2. Razões para ter alguns amigos – nesta categoria incluíram-se as respostas que os participantes mencionaram como sendo as razões para terem apenas alguns amigos. Esta subdividiu-se em apenas uma subcategoria - *sem resposta*.

3. Razões para ter poucos amigos – nesta categoria incluíram-se as respostas que os participantes mencionaram, como sendo as razões para terem poucos amigos. Esta subdividiu-se em duas subcategorias - *características pessoais negativas* (e.g. “*poucos. Os colegas não falam muito comigo...sou chata às vezes...faço perguntas que não interessam e eles não gostam*” (sic) – sujeito 12) e *decisão própria* (e.g. “*não preciso de muitos*” (sic) – sujeito 25).

“Tens mais amigos (rapazes) ou amigas (raparigas)?”

As categorias que se criaram para esta questão foram as seguintes:

1. Razões para ter mais amigas (raparigas) – as subcategorias que foram criadas para esta categoria foram as seguintes: *características positivas* (e.g. “*são uma fofas*”(sic) - sujeito 7), ou seja aspectos da personalidade das raparigas que os participantes consideraram positivas e que são vistas como uma razão para terem mais amigas, *afectos/apreciação* (e.g. “*gosto mais de meninas*” (sic) – sujeito 7), *partilha de motivações* (e.g. “*gostamos das mesmas coisas*” (sic) – sujeito 6), *interacções* (e.g. “*dou-me melhor com as raparigas*” (sic) – sujeito 3) e *aspectos negativos dos rapazes* (e.g. “*não gosto de rapazes*” (sic) – sujeito 28), esta subcategoria contém aspectos, que as raparigas entrevistadas mencionaram como maus para não terem amigos, como por exemplo não gostar de rapazes por serem rapazes e serem chatos.

2. Razões para ter mais amigos (rapazes) – para a categoria razões para ter mais amigos (rapazes) criaram-se as subcategorias – *características pessoais positivas* (e.g. “*porque são mais simpáticos*” (sic) – sujeito 2), *afectos/apreciação* (e.g. “*porque gosto mais*” (sic) – sujeito 14) *interacção* (e.g. “*gosto mais de falar com eles (rapazes)*” (sic) – sujeito 29) e *aspectos negativos das raparigas* (e.g. “*as raparigas dão conta da minha cabeça...só confusões*” (sic) – sujeito 14).

3. Razões para ter amigos de ambos os géneros – nesta categoria criaram-se 2 subcategorias que foram – *afectos/apreciação* e *conhecido* (e.g. “*conheço e pronto*” (sic) – sujeito 17). A subcategoria “conhecido” define-se por alguém que os sujeitos conhecem pessoalmente, não é um desconhecido e se conhecem pessoas dos dois géneros então estabelecem laços de amizade com os dois, simplesmente porque sabem quem são as pessoas.

“É importante ter amigos? Porquê?”

Analisando as respostas à questão *porquê*, decidiu-se criar duas categorias:

1. Ausência – esta categoria refere-se às preocupações manifestadas pelos sujeitos entrevistados, quando pensam o que seria não ter amigos ou ficar sem eles (o que revela a sua importância). Esta categoria foi subdividida em subcategorias, que revelam o que os sujeitos sentiriam perante essa ausência, como – *solidão* (e.g. “*é importante para não ficarmos sozinhos*” (sic) – sujeito 27), *infelicidade* (e.g. “*ficava triste*” (sic) – sujeito 9) e *mal-estar* (e.g. “*ficava mal*” (sic) – sujeito 11).

2. Aspectos Positivos - referem-se ao que há de bom em ter amigos. Esta categoria subdividiu-se em – *características positivas* (e.g. “*porque são o meu coração e alma*” (sic) – sujeito 9), ou seja, esta subcategoria contém o que os sujeitos sentem (psicologicamente e/ou fisicamente) como bom quando têm amigos, *companheirismo* (e.g. “*estar com eles*” (sic) – sujeito 1), *partilha de afectos* (e.g. “*dar beijinhos uns aos outros*” (sic) – sujeito 19), *confiança* (e.g. “*porque é importante confiar uns nos outros*” (sic) – sujeito 15), *gosto mútuo* (e.g. “*gosto de todos os meus amigos*” (sic) – sujeito 16), *comunicação* (e.g. “*porque gosto de conversar com eles*” (sic) – sujeito 2), *interacções* (e.g. “*não teria ninguém com quem brincar*” (sic) – sujeito 19) e *características pessoais* (e.g. “*porque os meus amigos são especiais comigo*” (sic) – sujeito 22).

“Em que sítio (s) conhecestes os teus amigos?”

As categorias que se criaram para esta questão, basearam-se apenas nos nomes dos locais que os entrevistados apontaram como sendo os locais, onde conheceram os seus amigos:

1. Instituição

2. Creche/Escola

3. **Outros locais** - esta última categoria foi criada para agrupar alguns dos locais que foram pouco mencionados pelos participantes (e.g. rua, colônia de férias).

“Achas-te parecido com os teus amigos? Porquê?”

Para a questão *porquê*, foram criadas três categorias principais:

1. **Razões para se achar parecido com os amigos** – que se subdividiu em subcategorias como – *características da personalidade* (e.g. “*em ser liberta e espontânea*” (sic) – sujeito 8) e *partilha de motivações e espaços* (e.g. “*gostamos das mesmas coisas*” (sic) – sujeito 10).

2. **Razões para se achar parecido com os amigos às vezes** – subdividida nas subcategorias – *diferentes características da personalidade* (e.g. “*eles não têm juízo*” (sic) – sujeito 21) e *diferenças nas motivações* (e.g. “*eles gostam de coisas que eu não gosto*” (sic) – sujeito 9).

3. **Razões para não se achar parecido com os amigos** - subdividida nas subcategorias – *partilha de alguns aspectos da personalidade* (e.g. “*às vezes tenho colegas que falam alto e eu também falo muito alto*” (sic) – sujeito 6) e *partilha de alguns problemas* (e.g. “*em alguns problemas de às vezes*” (sic) – sujeito 2).

“Onde costumam passar mais tempo com os teus amigos?”

As categorias que se criaram para esta questão, basearam-se apenas nos nomes atribuídos aos locais onde os participantes afirmam passar mais tempo com os amigos, que neste caso foram – *instituição*, e *outros locais*. A categoria *instituição* foi dividida em subcategorias – *sala de convívio*, *sala de trabalho* e *refeitório*. Estes foram os locais dentro da *instituição* que foram apontados como sendo os mais frequentados pelos participantes, quando estão com os amigos, ou seja, onde passam mais tempo juntos. A categoria, *outros locais*, engloba o café, a colónia de férias e fora do centro (sem especificação).

“Quando estás com os teus amigos o que costumam fazer juntos?”

As categorias que foram criadas através das respostas dadas pelos participantes a esta questão foram:

1. **Actividades/lazer**

2. **Comunicar**

3. Diversos - na categoria diversos, encontram-se outras ocupações mais ligadas ao dever, como p.e.g. o trabalho.

“Sobre o que costumam conversar com os seus amigos?”

Após a análise do conteúdo das respostas a esta questão, foi criada a categoria – **conversar** e as subcategorias que se geraram a partir desta categoria, foram as seguintes – *quotidiano* (e.g. “*das coisas lá de casa, sobre os intervalos e as actividades*” (sic) – sujeito 26), *sexo oposto/namoros* (e.g. “*sobre mulheres*” (sic) – sujeito 3), *partilha de motivações* (e.g. “*do futebol, dos jogadores*” (sic) – sujeito 21), *problemas* (e.g. “*problemas de casa, da rua*” (sic) – sujeito 4), *televisão* (e.g. “*sobre a telenovela do canal 1*” (sic) – sujeito 16), *trabalho* (e.g. “*sobre o trabalho*” (sic) – sujeito 2) e *outros* (e.g. “*tudo*” (sic) – sujeito 1). A subcategoria *outros*, contém alguns temas que não se podia incluir nas subcategorias mencionadas.

“Já alguma vez te zangaste com algum amigo? Porquê? Como resolveram o problema?”

As categorias que se criaram a partir do tipo de resposta a esta questão foram as seguintes:

1. Presença de conflitos (os sujeitos já se zangaram com um amigo) – as subcategorias criadas para esta categoria foram as seguintes – *acções improprias* (e.g. “*já me chateie com uma amiga, porque ela anda a fazer coisas que não deve fazer, como mentir...*” (sic) – sujeito 6). Esta subcategoria foi criada para mostrar que existiu conflito entre amigos e que este derivou de atitudes/acções, que não deveriam ter sido tomadas, por uma das partes envolvidas na relação de amizade e *coisas sem importância* (e.g. “*por coisas sem significado*” (sic) – sujeito 8), os sujeitos afirmam ter havido conflito por razões que não se mostraram importantes para justificar a zanga com o amigo.

2. Ausência de conflitos (os sujeitos nunca se zangaram com um amigo) - para esta categoria, as subcategorias formadas foram – *características próprias* (e.g. “*sou calmo*” (sic) – sujeito 1) e *não gosto* (e.g. “*não gosto disso*” (sic) – sujeito 11).

No caso, da resposta ter sido positiva para a presença de conflito, foi criada uma categoria designada **comportamentos**, que contém as acções, que os sujeitos mencionaram durante as entrevistas, como sendo a forma como resolveram o conflito. Esta categoria subdividiu-se em – *pedir desculpa* (e.g. “*ela pediu-me desculpa*” (sic) –

sujeito 12), *pedir ajuda a outros* (e.g. “*pedi ajuda às pessoas mais velhas*” (sic) – sujeito 8), *troca de afectos* (e.g. “*dei-lhe um abraço*” (sic) – sujeito 3), *acções negativas* (e.g. “*dei-lhe um estalo*” (sic) – sujeito 5), *comunicar* (e.g. “*fui falar com a pessoa*” (sic) – sujeito 4).

“Já alguma vez te encontraste com os teus amigos fora da instituição? (Sim) Onde? (Não) Porquê?”

Nesta questão formaram-se categorias de acordo com o tipo de resposta dada, positiva ou negativa. Para a **resposta positiva** (ou seja, o sujeito já se encontrou com amigos fora da instituição) formou-se a categoria – **actividades**. Criou-se esta categoria porque, os participantes quando questionado “onde” (foram com os amigos fora da instituição) apontaram uma panóplia de actividades, que realizaram com os amigos fora da instituição. Esta categoria foi subdividida em *lazer* (e.g. “*ao colombo passeamos*” (sic) – sujeito 6) *eventos* (e.g. “*quando fazia anos, convidava-os para irem à minha festa e também ia às festas deles*” (sic) – sujeito 8) e *casa* (e.g. “*vou a casa deles*” (sic) – sujeito 22). Para a **resposta negativa**, criou-se a categoria **barreiras**, que se definiu como sendo, todas as causas, que foram vistas pelos sujeitos entrevistados, como impedimento para não se poderem encontrar com os amigos fora da instituição. Esta categoria subdividiu-se em *distância* (e.g. “*moram muito longe*” (sic) – sujeito 1), *cuidadores* (e.g. “*a minha avó não deixa*” (sic) – sujeito 9), *autonomia* (e.g. “*eles não andam sozinhos*” (sic) – sujeito 6), *não sei, decisão própria* (e.g. “*não quero*” (sic) – sujeito 17) e *ausência de convite* (e.g. “*nunca mostrou interesse em querer sair comigo, ou convidar para ir a casa dela*” (sic) – sujeito 19).

“Já alguma vez algum amigo teu foi a tua casa? (Sim) O que fizeram? (Não) Porquê?” e “Já foste a casa de algum amigo teu? (Sim) O que fizeram? (Não) Porquê?”

Tal como aconteceu na questão anterior, as categorias para estas duas questões foram criadas de acordo com o tipo de resposta, sendo ela positiva ou negativa.

Para a resposta **positiva** formou-se a categoria **actividades de lazer em casa**, onde se encontravam agrupadas as actividades que os participantes realizam durante o tempo em que estão em sua casa na companhia do (s) amigo (s). A resposta sendo **negativa**, e uma vez que se pretendia saber o *porquê* de nunca nenhum amigo ter ido a sua casa,

criou-se a categoria – *razões para o amigo não ir a sua casa*. Esta categoria subdividiu-se em – *não sei, cuidadores* (e.g. “*a minha tia não ia deixar*” (sic) – sujeito 29), *distância* (e.g. “*moro longe*” (sic) – sujeito 14), *autonomia* (e.g. “*não posso andar sozinha*” (sic) – sujeito 24), *falta de oportunidade* (e.g. “*eu ainda vou combinar*” (sic) – sujeito 22) e *decisão própria* (e.g. “*porque eu não quero*” (sic) – sujeito 17).

À semelhança do que aconteceu com a questão anterior, para a resposta **positiva** formou-se a categoria *actividades de lazer em casa*. A resposta sendo **negativa** criou-se a categoria – *razões para não ir a casa de um amigo*. Esta categoria subdividiu-se em – *não sei, cuidadores, distância, falta de oportunidade* (e.g. “*eu ainda vou combinar*” (sic) – sujeito 22) e *não conhece* (e.g. “*ainda não conheço bem as pessoas daqui*” (sic) – sujeito 27). A subcategoria *não conhece*, foi criada para mostrar uma das razões que levam o sujeito a não poder ir a casa de um amigo, no caso do exemplo o sujeito afirma não ter uma relação muito chegada com as pessoas que lhe permitam ir a casa delas.

Apresentação e Análise dos Resultados

Os resultados obtidos neste estudo foram tratados de forma qualitativa, através de categorias que foram criadas a partir das respostas dadas pelos participantes, às questões sobre a amizade. Em seguida serão apresentados os resultados.

A amizade

Quando os adultos deficientes intelectuais participantes deste estudo foram questionados sobre “o que é a amizade”, após o tratamento dos dados (análise de conteúdo), pode-se constatar, que a maioria dos sujeitos (60%) (n=21) define amizade como uma relação, onde os sujeitos dão suporte uns aos outros, tendo sido essa a categoria onde se registou uma maior frequência de respostas dadas pelos mesmos (56.7%) (ver tabela 3). Segundo 26.7% dos participantes, ou seja, a maioria (n=8), este suporte manifesta-se através da acção de se fazer e “ser amigo” (21.6%) (e.g. “a amizade é ter amigos” – sujeito 15) e na qual, 23.3% dos sujeitos, afirma existir uma partilha de afectos e sentimentos (18.9%) (e.g. “é carinho, amor”(sic) – sujeito 14). A subcategoria menos mencionada, na categoria suporte de amigo, foi a comunicação, com apenas 2.7% da frequência de respostas dadas, ou seja, apenas 3.3% dos participantes (n=1), apontou esta como um aspecto conceitual da amizade.

Tabela 3 – Categorias e subcategorias para a questão “o que é a amizade?”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=37)
Suporte de Amigo	Ajuda	2	6,7	5,4
	Afectos e Sentimentos	7	23,3	18,9
	Confiança	3	10	8,1
	Comunicação	1	3,3	2,7
	Ser Amigo	8	26,7	21,6
Total Categoria	—————	21	—————	56,7
Convívio/Lazer	—————	3	10	8,1
Aspectos Positivos	—————	10	33,3	27,1
Não Sei	—————	3	10	8,1

A amizade foi ainda apontada pelos participantes do estudo, como uma relação repleta de aspectos positivos (27.1%), sendo estes mencionados por 33.3% dos participantes (n=10). Segundo os mesmos, a amizade é um relacionamento que proporciona felicidade, bem-estar e uma série de outros aspectos, que contribuem de modo positivo para as suas vidas (ver tabela 3).

Uma pequena percentagem de adultos, ou seja, 10% (n=3), admitiram não saber o que é a amizade, acabando por explicitamente referir “*não sei*”(sic) (sujeitos 13, 17 e 29) (8.1%), quando questionados.

Amigo

A maioria das respostas dadas pelos adultos participantes neste estudo, à questão “*o que é um amigo?*”, diz respeito à categoria suporte de amigo. Segundo 46.7% dos participantes, ou seja a maioria, um amigo é alguém de quem se pode esperar apoio/ajuda quando necessário (e.g. “*ser amigo é ajudar os outros*” (sic) – sujeito 6). Esta subcategoria conteve a maior percentagem de respostas dadas pelos participantes, com 25% de frequência.

Tabela 4 - Categorias e subcategorias para a questão “*o que é um amigo?*”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=56)
Parceiro de Actividades de Lazer		5	16,7	8,9
Características Pessoais	Bom Comportamento	8	26,6	14,3
	Ser Especial	3	10	5,4
	Ser Amigo	3	10	5,4
Total Categoria		14		25
Suporte de Amigo	Confiança	2	6,7	3,6
	Comunicação	8	26,7	14,3
	Afecto	8	26,7	14,3
	Apoio/Ajuda	14	46,7	25
	Presença constante	5	16,7	8,9
Total Categoria		37		66.1

As subcategorias comunicação e afecto, apesar de um pouco menos mencionadas que a subcategoria apoio/ajuda, foram apontadas por 26.7% dos sujeitos (n=8). Ou seja, os

sujeitos afirmam que um amigo é alguém com quem se pode “*conversar, falar sobre problemas*” (sic) (sujeito 22), com quem se pode trocar afectos, carinhos e de quem se gosta (e.g. “*amigos é carinho*” (sic) – sujeito 14, “*é gostar deles*” (sic) – sujeito 23, “*beijinhos muitos*” (sic) – sujeito 24) (ver tabela 4).

Apesar de um pouco menos referido pelos sujeitos, um amigo é também alguém que apresenta determinadas características pessoais, como por e.g. “*porta-se bem*” (sujeito 13) (14.3%) (ver tabela 4).

A categoria com menor frequência de respostas dadas pelos participantes (16.7%), tal como se pode verificar através da tabela 4, foi a referente a um amigo ser um companheiro, com quem se compartilham actividades de lazer nos tempos em que estão juntos, com apenas 8.9% (e.g. “*pintar*” – sujeito 13, “*passar*” – sujeitos 12).

Melhor Amigo

À semelhança do que ocorreu na questão anterior (“*o que é um amigo?*”), a maior frequência de respostas dadas inscreve-se na categoria suporte de amigo. Esse suporte manifesta-se maioritariamente segundo 26.7% dos participantes através da troca de afectos e partilha de sentimentos (17.7%) (ver tabela 5) (e.g. “*gosta de mim, está no coração*” (sic) – sujeito 28).

Tabela 5 – Categorias e subcategorias para a questão “*o que é um melhor amigo?*”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=45)
Parceiro de Actividades Culturais e de Lazer	_____	2	6,6	4,4
Características pessoais do melhor amigo	_____	7	23,3	15,6
	Afecto e Sentimentos	8	26,7	17,7
Suporte de Amigo	Comunicação	7	23,3	15,5
	Ajuda	4	13,3	8,8
	Companheirismo	7	23,3	15,6
	Apoio Emocional	3	10	6,6
	Confiança	5	16,7	11,1
Total Categoria	_____	34	_____	75,6
Não sei	_____	2	6,6	4,4

Mas ao contrário de um simples amigo, um melhor amigo é visto por 23.3% dos participantes como uma pessoa que já se conhece desde bebé (15.5%), como afirmou o sujeito 11 e com quem se pode dialogar sobre tudo (15.5%) (e.g. “*é alguém com quem temos conversas fora do normal...podemos conversar sobre tudo*” (sic) – sujeito 8) (ver tabela 5).

Apenas 6.6% dos participantes afirmou que um melhor amigo é alguém com quem se partilham actividades culturais e de lazer (4.4%) (n=2) (e.g. “*e.g. “vai comigo às vezes ao cinema*” (sic) – *sujeito 12*; “*com quem pinto...brinco*” (sic) – *sujeito 17*). Outros 6.6% admitiram não saber o que é um melhor amigo, afirmando “*não sei*” quando questionados (ver tabela 5).

Quantidade de Amigos

Na questão “*tens muitos ou poucos amigos*”, a maioria dos participantes, ou seja, 66.7% respondeu que contêm *muitos* amigos, sendo que apenas 30% dos mesmos declarou ter *poucos*. E apenas um sujeito, ou seja, 3.3% referiu ter *alguns* amigos (ver tabela 6 – Anexo C).

Quanto à razão para terem *muitos* ou *poucos* amigos, a maioria dos participantes (26.7%) não soube nomear uma razão específica para tal, acabando por não dar qualquer resposta (25.8%). Os adultos que conseguiram justificar, nomearam as suas próprias características pessoais positivas, como a principal razão para conseguirem ter muitos amigos (22.6%), como p.e.g., “*porque sou simpática*” (sic) como referiu o sujeito 6, ou como referiu o sujeito 19, “*porque acho que sou boa rapariga e consigo ter uma boa relação com as pessoas*” (ver tabela 7).

Através da tabela 9, podemos verificar ainda que a subcategoria facilidade foi a razão, menos apontada pelos sujeitos, com apenas 6.4% (n=2) das respostas dadas, para o facto de terem muitos amigos. Ou seja, 6.6% dos participantes afirmou apresentar facilidade para ter e arranjar amigos.

Quanto às razões apontadas pelos adultos deste estudo, para afirmarem ter poucos amigos, a maioria, ou seja, 19.3% (n=9) respondeu que se deve a uma decisão dos próprios (20%) (e.g. “*não ligo a ter muitos amigos. Tenho poucos chega*” (sic) - *sujeito 21*, “*não preciso de muitos*” (sic) - *sujeito 25*”), sendo que apenas 10% (n=3) dos sujeitos referiu as suas características pessoais negativas (9.7%), como sendo uma das razões para não terem muitos amigos (e.g.. “*os colegas não falam muito comigo, sou*

chata às vezes...só às vezes. Faço perguntas que não interessam e eles não gostam” (sic) – sujeito 12, “*Porque arranjo confusões*”(sic) - sujeito 8) (ver tabela 7).

Tabela 7 - Categorias e subcategorias para a questão “*Porque?*”(razão para os sujeitos afirmarem ter muitos ou poucos amigos), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=31)
Razões para ter muitos amigos	Facilidade	2	6,6	6,4
	Características	7	23,3	22,6
	Pessoais Positivas	4	13,3	12,9
	Afectos/Apreciação	8	26,7	25,8
Total Categoria	—————	21	70	67,7
Razões para ter alguns amigos	Sem resposta	1	3,3	3,2
Razões para ter poucos amigos	Características	3	10	9,7
	Pessoais Negativas	6	19,3	20
Total Categoria	—————	9	30	29,0

Apenas um sujeito referiu ter alguns amigos, não tendo apresentado qualquer razão que o justificasse (3.2%).

Género dos Amigos

Através da questão “*tens mais amigos (rapazes) ou amigas (raparigas)*”, foi possível verificar que a maioria das participantes entrevistadas neste estudo afirmam ter mais amigos de *ambos os géneros* (30%), sendo que com uma diferença muito pequena, ou seja 26.7%, referem ter mais amigas. Os participantes do género masculino na sua maioria afirmam ter mais amigas (16.7%) (ver tabela 8 – Anexo D).

Como podemos verificar através da tabela 9, as razões mais apontadas pelos 23.3% dos sujeitos, para afirmarem ter *mais amigas*, foram: as suas *características positivas*, que incluem as comportamentais e/ou de relacionamento, com 20.6% de respostas dadas. Segundo os participantes, estas são as razões que as levam a gostar mais de se relacionarem com o género feminino (e.g. “*Raparigas. Porque as raparigas são mais minhas amigas*” (sic) – sujeito 1). A segunda razão mais mencionada, com 14.7 % de

respostas dadas, por 16.7% dos participantes foi o simples gostar de raparigas (e.g. “*gosto mais delas*” (sic) – *sujeito 13*).

As subcategorias menos mencionadas, com apenas 2.9% de respostas dadas, foi a subcategoria, *outros* e a subcategoria partilha de motivações. O único sujeito que teve inscrita a sua resposta na subcategoria, *outros*, afirmou não estabelecer laços de amizade com rapazes, não por escolha própria mas porque não conhecer tantos rapazes, como conhece raparigas (sujeito 19).

Os participantes que responderam ter mais amigos do sexo masculino apontaram como razão principal o facto de *gostarem mais* destes (8.8%), sendo as *características pessoais* dos rapazes (2.9%), bem como a referência aos *aspectos negativos das raparigas* (2.9%) (e.g. “*As raparigas dão conta da minha cabeça. Só confusões. Ai. Não gosto*” (sic) – *sujeito 14*), os aspectos menos referidos pelos sujeitos para o facto de terem mais amigos do género masculino (ver tabela 9).

Tabela 9 -Categorias e subcategorias para a questão *Porquê?*”(razão para os sujeitos afirmarem ter mais amigos ou mais amigas), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=34)
Razões para ter mais amigas (raparigas)	Características Positivas	7	23,3	20,6
	Apreciação/Afectos	5	16,7	14,7
	Partilha de Motivações	1	3,3	2,9
	Aspectos Negativos dos Rapazes	2	6,6	5,9
	Outros	1	3,3	2,9
Total Categoria	—————	16	—————	47,1
Razões para ter mais amigos (rapazes)	Características pessoais	1	3,3	2,9
	Apreciação	3	10	8,8
	Interacção	2	6,6	5,9
	Aspectos Negativos	1	3,3	2,9
Total Categoria	—————	7	—————	20,6
Razões para ter amigos de ambos os géneros	Apreciação	2	6,6	5,9
	Diversos	2	6,6	5,9
	Sem Justificação	7	23,3	20,6
Total Categoria	—————	11	—————	32,4

A maioria dos participantes, ou seja, 23.3% afirmaram ter amigos de ambos os géneros, não apontando nenhuma razão específica para tal (20.6%). Apesar de apresentarem pouca frequência de respostas (5.9%), como verificamos através da tabela 9, os 6.6% dos participantes que justificaram as suas relações de amizade com os dois géneros, apontaram como razões o facto de *gostarem de amigos de ambos os géneros e outras razões* como, o conhecerem indivíduos dos dois géneros e não escolherem serem mais amigos de rapazes, ou mais amigos de raparigas, ou seja, conhecem indivíduos dos dois géneros e por essa razão estabelecem laços de amizade com os dois, como afirmou o sujeito 17, “*Os dois, meninas e meninos. Não escolhi, conheço e pronto*” (sic), ou então como afirmou o sujeito 25, “*dou-me bem tanto com rapazes como com raparigas depende do feitio como elas são e eles são*” (sic), ou seja, o sujeito não escolhe os amigos tendo em conta o seu género, mas sim as suas características.

Amigos e as suas semelhanças

À questão “*achas-te parecido com os teus amigos?*”, 11 dos participantes, ou seja, 36.7% responderam afirmativamente, sendo que 12, ou seja, 40%, responderam negativamente. Apenas 23.3% dos participantes, ou seja, 7 responderam que apenas às vezes se consideravam semelhantes aos seus amigos (ver tabela 10 – Anexo E).

Como podemos verificar através da análise da tabela 11, 30% dos adultos afirmaram ser parecidos com os seus amigos, pelo facto de partilharem as mesmas motivações e os mesmos espaços, tendo sido esta a subcategoria com o maior número de respostas inscritas (27.2%) (e.g. “*gostamos das mesmas coisas*” (sic) – *sujeito 10*). A razão menos apontada pelos sujeitos, para se acharem parecidos com os seus amigos, for

Em relação aos participantes que afirmaram não se considerar parecidos com os seus amigos, a razão principal mencionada, pela maioria (26.6%) (n=8), foi o facto das suas características da personalidade serem distintas (24.2%) (ver tabela 11). Outras razões e motivações distintas (6.1%) foram as subcategorias onde se inscreveram o menor número de respostas dadas pelos adultos para o facto de não se acharem parecidos com os seus amigos.

Os sujeitos que referiram ser parecidos com os seus amigos apenas às vezes, apontaram de igual modo a partilha de alguns problemas (12.1%) (e.g. “*em alguns problemas de às vezes, mas não é tudo é só um bocadinho*” (sic) – *sujeito 2*), bem como a partilha de algumas características de personalidade e/ou comportamento (12.1%) (e.g. “*há colegas que se portam mal e eu também tenho essa característica às vezes! E*

às vezes tenho colegas que falam alto e eu também falo muito alto” (sic) - sujeito 6), como as razões para esse facto (ver tabela 11).

Tabela 11 - Categorias e subcategorias para a questão “Porquê?”(razão para os sujeitos afirmarem achar-se parecidos ou não com os amigos), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=33)
Razões para se achar parecido	Características da personalidade	4	13,3	12,1
	Partilha de motivações e espaços	9	30	27,2
Total Categoria		13		39,4
Razões para não se achar parecido	Características da personalidade diferentes	8	26,6	24,2
	Diferenças nas Motivações	2	6,7	6,1
	Outros	2	6,7	6,1
Total Categoria		12		36,4
Razões para às vezes se achar parecido	Partilha de alguns aspectos da personalidade/comportamento	4	13,3	12,1
	Partilha de alguns problemas	4	13,3	12,1
Total Categoria		8		24,2

Escolha dos amigos

Quando questionados sobre a escolha dos amigos, os participantes na sua grande maioria, 93.3% (n=28) responderam de forma positiva a este facto. No entanto, 6.7%, dos sujeitos (n=2) afirmaram não ter escolhido os seus amigos de forma voluntária (ver tabela 12 – Anexo F). Um dos participantes, não apresentou qualquer justificação para tal, enquanto o outro apontou o espaço onde se encontra diariamente e o seu técnico responsável nesse espaço, como os responsáveis pela formar dos relacionamentos de amizade que adquiriu e possui, pois caso não se encontrasse a frequentar aquela instituição, a sala onde trabalha e tivesse outra técnica como responsável, os amigos possivelmente seriam outros (sujeito 19).

Local onde conheceu os amigos

A maioria dos adultos entrevistados, isto é, 96.7% (n=29) conheceu os seus amigos na instituição, que se encontram a frequentar (CAO). Alguns participantes, ou seja, 30%

mencionaram a creche e as escolas onde estiveram antes de irem para o centro de actividades ocupacionais e apenas 4, ou seja, 13.3%, afirmaram ter conhecido alguns dos seus amigos noutros locais, como p.e.g. os locais para onde vão de férias no verão, na rua onde residem, entre outros, tal como podemos verificar na tabela 13.

Tabela 13 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre o (s) local (ais) onde conheceram os amigos

Categoria	Freq. Abs. (nº de sujeitos e respostas)	Freq. Rel. (%)
Instituição	29	96,7
Creche/Escola	9	30,0
Outros Locais	4	13,3

Local onde passa mais tempo com os amigos

Os participantes deste estudo afirmaram maioritariamente passar mais tempo com os seus amigos dentro da instituição, onde e passam habitualmente o seu tempo diário (100%), nomeando os locais dentro da mesma.

A sala de convívio foi eleita, com 23.3% das respostas dadas pelos participantes, o espaço mais frequentado durante esse tempo.

A categoria onde se registou menor número de ocorrência de respostas, foi a categoria, outros locais, (e.g. o café, a colónia de férias, entre outros) com apenas 13.3% (ver tabela 14).

Tabela 14 – Categorias e subcategorias para a questão “Onde costumava passar mais tempo com os teus amigos?”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategorias	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos = N de Freq. Resp. (N=30)
Instituição	Sala de convívio	7	23,3
	Sala de Trabalho	3	10
	Refeitório	3	10
	Não Especificado	13	43,3
Total Categoria	—————	26	86,7
Outros locais	—————	4	13,3

Ocupação do tempo com os amigos

Quando estão juntos com os seus amigos, todos os adultos deficientes intelectuais participantes neste estudo, ou seja, 100% costumam, conversar (ver tabela 15).

Apesar dos participantes afirmarem que também se envolvem em actividades de lazer, esta categoria foi referida apenas por 46.7% dos sujeitos.

A menor frequência de respostas foi dada na categoria trabalhar, com apenas 10% (ver tabela 15).

Tabela 15 – Frequências absolutas e relativas do nº de sujeitos e respostas dadas pelos participantes sobre o modo como ocupam os amigos o tempo em que estão juntos

Categoria	Freq. Abs. (nº de sujeitos e respostas)	Freq. Rel. (%)
Actividades/Lazer	14	46,7
Conversar	30	100
Trabalhar	3	10
Outros	5	16,7

Uma vez que a resposta *conversar* foi a mais apontada pelos participantes, como sendo o modo como ocupam o tempo quando estão na companhia uns dos outros, pretendeu-se assim conhecer quais os temas mais abordados.

O tema mais discutido pelos sujeitos (60%), como se pode verificar na tabela 16, foi o tema referente à vida quotidiana, com 39.1% da frequência de respostas. O tema inclui a família (e.g. “*Sobre a vida, sobre os pais, os avos*” (sic) – *sujeito 1*), como ocupam o tempo na instituição e as diversas actividades que têm (e.g. “*o que nós fazemos aqui no centro*” (sic) – *sujeito 18*), o que vão comer às refeições (e.g. “*às vezes falamos de comida, o que vai ser o almoço o que vai ser o lanche*” (sic) – *sujeito 6*), entre outros.

Quanto aos temas que se verificaram menos dialogados entre os participantes encontram-se: os problemas, com 8.7% de respostas dadas por 13.3% dos sujeitos, o trabalho, com 6.5% (e.g. “*sobre o trabalho*” (sic) – *sujeito 2*), dadas por 10% dos mesmos e ainda o tema, outros com frequência de 4.3% de respostas obtidas, por 6.7% dos participantes. O tema, outros incluía a partilha de afectos/sentimentos (e.g. “*Carinho, amizade e mimosos*” (sic) - *sujeito 14*) e “tudo”, sem especificação do tema (e.g. “*tantas coisas*” (sic) – *sujeito 28*) (ver tabela 16).

Tabela 16 – Categorias e subcategorias para a questão “O que costumava conversar com os teus amigos”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategorias	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=46)
Temas de Conversas	Quotidiano	18	60	39,1
	Sexo oposto/Namoros	7	23,3	15,2
	Partilha de Motivações	6	20	13
	Problemas	4	13,3	8,7
	Televisão	6	20	13
	Trabalho	3	10	6,5
	Outros	2	6,7	4,3
Total Categoria		46	—————	100

Encontros com os amigos fora da Instituição

À questão “*alguma vez te encontraste com os teus amigos fora da instituição*”, a maioria dos participantes (n=20) respondeu que não (66.7%), nunca estiveram com os amigos fora da instituição, os restantes (n=10) afirmaram ter-se encontrado com os amigos fora da instituição (33.3%) (ver tabela 17 – Anexo G).

Os participantes que afirmaram ter estado com os amigos fora da instituição participaram em actividades culturais (p.e.g. ida ao cinema) e de lazer (p.e.g. passear) (63.6%). Sendo que apenas 18,2% (n=2) responderam ter ido a um aniversário e a casa do amigo (ver tabela 18 - Anexo G).

Os adultos que nunca estiveram com os amigos fora da instituição mencionaram como principal razão algumas barreiras. A maioria dos participantes, ou seja, 30%, apontou os seus cuidadores, com 42.8% de respostas dadas, como o principal motivo para não estarem com os seus amigos fora do espaço da instituição. A distância foi a segunda barreira mais apontada pelos sujeitos, com 23.8% de respostas dadas por 16.7% dos sujeitos (ver tabela 19).

As categorias que apresentam menor frequência de respostas dadas pelos adultos deficientes intelectuais, a esta questão foram: a decisão própria (4.8%) e a falta de oportunidade (4.8%). Ambas as categorias, foram respondidas por apenas um sujeito.

Tabela 19 – Categorias e subcategorias para a questão “Porquê” (razão para que os sujeitos nunca se tenham encontrado com os amigos fora da instituição), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=21)
Barreiras	Distância	5	16,7	23,8
	Cuidadores	9	30	42,8
	Autonomia	1	3,3	4,76
	Ausência de Convite	1	3,3	4,76
Total Categoria	—————	16	—————	76,2
Não Sei	—————	3	10	14,3
Decisão Própria	—————	1	3,3	4,8
Falta de Oportunidade	—————	1	3,3	4,8

É importante salientar que o sujeito que inscreveu a sua resposta na categoria decisão própria, mostrou não se importar com esse facto, afirmando ser por sua própria decisão que não o faz, através da expressão “*não quero*” (sic) (sujeito 17). Enquanto o sujeito que respondeu na categoria falta de oportunidade, afirmou que apenas não se encontra com os amigos porque nunca houve oportunidade (sujeito 25).

Casa – própria e de amigos

Na questão “*já alguma vez algum amigo foi a tua casa*”, 73.3% dos participantes (n=22) responderam que não, enquanto 26.7% (n=8) afirmaram já terem recebido amigos em sua casa. À semelhança desta questão, quando questionados sobre a ida a casa de algum amigo, a maioria respondeu que não (83.3%) (n=25), sendo que apenas 16.7% (n=5) afirmaram já ter frequentado a casa de um amigo (ver tabela 20 e 21 – Anexo H).

Os sujeitos que afirmaram ter recebido os seus amigos em casa, bem como os que afirmaram ter ido a casa de um amigo, apontaram as actividades de lazer como a principal ocupação quando estiveram juntos, com 26.7% (n=8) e 10% (n=3) respectivamente (ver tabela 22 – Anexo H).

Os participantes (33.3%) que nunca convidaram os amigos para ir a sua casa mencionaram como principal razão, os seus cuidadores (pais, avós, etc.) (45.5%). Segundo os sujeitos entrevistados, os seus cuidadores não os deixam convidar (e.g. “*não os posso convidar a mãe não deixa*” (sic) - *sujeito 4*), ou não têm disponibilidade

para receber os amigos dos filhos em casa, tal como afirmou o sujeito 10, “*a minha mãe está a trabalhar, não está muitas vezes em casa, não posso convidar por isso*” (sic). Contudo, 13.3% dos participantes não souberam dizer a razão em concreto para o facto de nunca terem recebido os seus amigos em sua casa, sendo “*não sei*”, com 18.2% a segunda resposta mais mencionada pelos sujeitos (ver tabela 23).

Verificou-se ainda que apesar de muito pouco mencionadas, existem outras razões para o facto de estes adultos não poderem convidar os seus amigos para irem a sua casa, como a distância a que vivem uns dos outros (9.1%) (n=2), a falta de autonomia dos mesmos para se deslocarem até casa dos amigos (9.1%) e ainda a sua própria decisão (4.5%) (e.g. “*eu não quero, porque há certas coisas que não quero que mexam*” (sic) – sujeito 17) (ver tabela 23).

Tabela 23 – Categorias e subcategorias para a questão “*Porquê?*” (razão para que os sujeitos nunca tenham recebido os amigos em sua casa), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeito (N=30)	% N de Freq. de Resp. (N=22)
Razões para não convidarem ninguém	Não sei	4	13,3	18,2
	Cuidadores	10	33,3	45,5
	Distância	2	6,7	9,1
	Autonomia	2	6,7	9,1
	Falta de Oportunidade	3	10	13,6
	Decisão Própria	1	3,3	4,5
Total Categoria		22		100

À semelhança do que ocorreu na questão anterior (“*já alguma vez algum amigo foi a tua casa, porque*”), quando os sujeitos foram questionados sobre, o porquê de nunca terem ido a casa dos amigos, a maioria das respostas dadas, ou seja, 32%, inscreveram-se na categoria barreiras e “*não sei*”.

A falta de oportunidade foi a categoria menos mencionada, com apenas 16% de respostas dadas, por 13.3% dos sujeitos (n=4) (ver tabela 24).

Tabela 24 – Categorias e subcategorias para a questão “Porquê?” (razão para que os sujeitos nunca ido a casa dos amigos), com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=25)
Barreiras	Cuidadores	6	20	24
	Diversos	2	6,7	8
Total Categoria		8		32
Não Sei		8	26,6	32
Sem Justificação		5	16,6	20
Falta de Oportunidade		4	13,3	16

No decorrer das entrevistas, apesar de não terem sido directamente questionados sobre o gosto que teriam em convidar os amigos para irem a sua casa, bem como irem a casa dos amigos, podemos verificar que 17 dos 30 participantes mencionaram de forma espontânea essa vontade.

Conflitos entre amigos – presença ou ausência

Os participantes foram questionados sobre se alguma vez teriam entrado em conflito com os seus amigos. A esta questão, 66.7% (n=19) das respostas dadas foram positivas para a existência de conflito e as restantes 23.3% (n=11), negativas. Ou seja, os sujeitos afirmaram nunca se terem envolvido em qualquer zanga com os amigos (ver tabela 25 - Anexo I).

A razão mais apontada, por 16% dos sujeitos participantes deste estudo, para a existência de conflito, foram as respostas inscritas na subcategoria acções impróprias, com 53.3% (n=16) (ver tabela 26), como p.e.g. “mentir”, fazer “intrigas” (sujeito 6) e “puxar as calças para mostrar as cuecas” (sujeito 7).

A maioria dos sujeitos que afirmaram nunca se terem zangado com os amigos, não souberam justificar a ausência de conflito (23.3%) (n=7) (ver tabela 26).

A existência de conflito pressupõe uma resolução. Quando os adultos participantes deste estudo afirmaram ter-se zangado com um amigo foram questionados acerca da forma como o resolveram.

Tabela 26 - Categorias e subcategorias para a questão “Porquê que se zangaram”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N=Sujeitos e Freq. Resp. (N=30)
Presença de Conflitos	Acções impróprias	16	53,3
	Motivos sem importância	4	13,3
Ausência de Conflitos	Características Pessoais	2	6,7
	próprias Conflitos	1	6,7
	Sem Justificação	7	23,3

A maioria dos sujeitos, ou seja, 36.7%, mencionou o pedido de desculpas, com 45.8% da frequência de respostas, como a melhor forma de o resolver. Com uma frequência mais baixa, ou seja, 12.5% de respostas dadas, 10% dos sujeitos mencionaram as acções designadas negativas como forma de resolver o conflito, como foi o caso do sujeito 5, que declarou ter dado um estalo à amiga para acabar com o problema. Do mesmo modo, que mencionaram a troca de afectos e a comunicação (ver tabela 27).

Tabela 27 – Categorias e subcategorias para a questão “Como resolveram o conflito?”, com as respectivas percentagem da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=24)
Forma de resolução dos conflitos	Pedir desculpa	11	36,7	45,8
	Pedir Ajuda a outros	4	13,3	16,7
	Trocar afectos	3	10	12,5
	Acções negativas	3	10	12,5
	Comunicar	3	10	12,5
Total Categoria		24		100

Importância dos amigos

Quando os adultos deficientes intelectuais deste estudo, foram questionados sobre a importância de se ter amigos, todos concordaram ser bastante importante para as suas vidas. A maioria, ou seja 33.3% dos sujeitos (n=10), apontou a comunicação (16.1%) como um dos aspectos mais importantes para os amigos serem vistos como importantes.

Ter amigos é tão importante, que segundo 30% dos sujeitos, lhes traz felicidade e bem-estar na vida (14.5%) (ver tabela 28).

Tabela 28 - Categorias e subcategorias para a questão “*É importante ter amigos?*”, com as respectivas percentagens da frequência de sujeitos e respostas obtidas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e de sujeitos	% N de Sujeitos (N=30)	% N de Freq. Resp. (N=62)
Ausência	Solidão	3	10	4,8
	Infelicidade	12	40	19,3
	Mal-Estar	7	23,3	11,3
Total Categoria	—————	22	—————	35,5
Aspectos Positivos	Felicidade/Bem-Estar	9	30	14,5
	Companheirismo	5	16,7	8,1
	Afectos	3	10	4,8
	Confiança	3	10	4,8
	Partilha de	6	20	9,7
	Motivações	10	33,3	16,1
	Comunicação	2	6,7	3,2
	Interacções	2	6,7	3,2
	Características Pessoais	2	6,7	3,2
Total Categoria	—————	40	—————	64,5

A ausência de amigos, segundo 40% dos sujeitos (n=12), deixa-os infelizes (19.3%), segundo 10% dos mesmos provoca-lhes mal-estar físico e psicológico (11.3%) e menos referenciado, mas ainda assim referido, por 10% dos sujeitos, ficam na solidão (4.8%) (ver tabela 28).

Discussão dos Resultados

Neste capítulo procedeu-se à discussão dos resultados obtidos, de modo a encontrar respostas ao objectivo do estudo, tendo em conta a literatura encontrada.

Após a análise das respostas dadas pelos participantes do estudo à questão “*o que é a amizade*”, os adultos com deficiência intelectual, afirmaram que se trata de uma relação que envolve suporte por parte dos amigos. O suporte é um aspecto da amizade que se destaca no início da adolescência dos sujeitos com desenvolvimento típico (Berndt, 1989 cit. por Matheson, Olsen & Weisner, 2007), no entanto foi o aspecto mais referido pelos adultos deficientes intelectuais participantes neste estudo. Este aspecto, segundo os participantes inclui a troca de afectos (e.g. beijos, abraços e mimos), tal como fora referido por De-Leon (2005), Burk e Laursen (2008) e Chen, Chun e Hsiao (2008). Para além deste aspecto, a amizade fora também referida como uma relação que contém uma série de aspectos positivos que lhe são associados, como a felicidade e o bem-estar, características dos relacionamentos de amizade apontados pelos adultos nesta condição, à semelhança do que foi referido no estudo de Petterson (2006) e Demir, Ozen, Dogan, Bilyk e Tyrell (2011).

Um amigo, por sua vez, foi maioritariamente apontado como alguém de quem se espera suporte, que se verifica através do apoio/ajuda que os sujeitos dão uns aos outros quando necessário. Apesar de um pouco menos referenciado por estes adultos, os amigos são pessoas com os quais se podem partilhar afectos e com quem se pode comunicar, facto que se pode verificar no depoimento de jovens com deficiência intelectual nos estudos de Cuckle e Wilson (2002) e Inácio (2011).

Um melhor amigo, tal como um amigo é alguém que dá suporte. Esse suporte pode-se verificar através da partilha de afectos e sentimentos. Ao contrário de um simples amigo, um melhor amigo foi mencionado pela grande maioria, como a pessoa que está presente nas suas vidas desde o período de infância (Schmidt & Bagwell, 2011), sendo essa pessoa um colega, namorado ou um técnico que trabalhe na instituição que frequentam diariamente (McVilly et al., 2006), como foi o caso nomeado pelos sujeitos 3 e 21.

Quanto à quantidade de amigos, podemos verificar que a maioria dos participantes afirmou ter muitos amigos, ao contrário do que era de se esperar, segundo os resultados de pesquisas anteriores. De acordo com a literatura encontrada, chegando à idade adulta os sujeitos deveriam conter um menor número de amigos, sendo no entanto os laços

estabelecidos com os mesmos mais fortes, como afirmaram Peron, Guimarães e Souza (2010). Outra das razões pela qual este achado não seria de se esperar, relaciona-se com o facto das relações de amizade na condição de deficiente intelectual, independentemente da fase de desenvolvimento em que estes se encontrem, serem vistas como escassas (Mirfin-Veitch, 2003). A principal razão mencionada pelos participantes a este facto, foi a resposta “não sei”, registando uma maior percentagem de respostas dadas, do que as restantes. Contudo e apesar da condição que possuem, as relações de amizade, tal como Hughes, Redley e Ring (2011) afirmaram, fazem parte da vida destes adultos.

No que concerne aos laços de amizade estabelecidos entre rapazes e raparigas, podemos afirmar que existem algumas diferenças nos laços estabelecidos, sendo que as raparigas afirmam ter amigos de ambos os géneros e os rapazes afirmam ter mais amigas. Resultado que vai de encontro ao que Erbolato (2001 cit. por Souza & Hutz, 2007) afirmou. Ou seja, os rapazes estabelecem mais laços de amizade com as raparigas, que o contrário. A razão mais mencionada para os sujeitos afirmarem ter mais amigas prendeu-se com o facto de estas apresentarem mais aspectos positivos (e.g. simpáticas, fofas) que os rapazes. Enquanto a maior parte dos sujeitos que mencionaram ter amigos de ambos os géneros, não souberam apresentar uma justificação para essa escolha. De acordo com Hamm (2000 cit. por Casado, 2012), durante a infância (no desenvolvimento típico), os sujeitos escolhem os amigos de acordo com alguns critérios e um deles é a semelhança em termos de género, sendo que chegando à idade adulta, segundo Fehr (1996) e Souza e Hutz (2008), este critério mantém-se e as relações de amizade são vistas como mais homogéneas quando os sujeitos são do mesmo género. Como podemos verificar pela análise dos dados este facto não é corroborado pelos resultados encontrados neste estudo.

À semelhança do que ocorreu na questão anterior, quando questionados sobre as suas semelhanças com os amigos, os participantes mencionaram ser diferentes destes devido às suas características pessoais, que segundo a literatura se apresenta frequentemente como sendo um dos principais aspectos, para que se estabeleçam os laços de amizade uns com os outros (Guroglu, Lieshout, Haselager, Scholte, 2007; Newcomb & Bagwell, 1995 cit. por Guroglu, Lieshout, Haselager, Scholte, 2007), facto que não se comprovou.

Na opinião dos adultos com deficiência intelectual participantes neste estudo as relações de amizade são voluntárias, ou seja, cada sujeito tem a possibilidade/liberdade

de escolher os seus próprios amigos (Schmidt & Bagwell, 2011). No entanto é importante referir que existiram dois sujeitos que afirmaram não ter tido essa liberdade de escolha, sendo que um referiu o meio ambiente onde passa a maior parte do dia, como o principal potenciador de afinidade pelas pessoas que actualmente considera amigos. Ou seja, se o sujeito não frequentasse aquela instituição, então não teria aqueles amigos, teria outros. Tal como, Fehr (1996) e Ko e Buskens (2011) afirmaram, os laços de amizade que se estabelecem podem ter a sua origem inscrita no local/ambiente social onde os sujeitos passam a maior parte dos seus dias (neste caso, a instituição), acabando por ter maior afinidade com as pessoas que vê e passa frequentemente mais tempo. O que vai de acordo com o que foi verificado através da análise dos resultados obtidos. Apesar de se referir a uma etapa desenvolvimental anterior à que os participantes se encontram.

Relativamente ao tempo que estes adultos possuem para conviver com os amigos, é apontado pela maioria como passado na instituição onde se encontram diariamente, nomeadamente na sala de convívio, onde conversam sobre o seu quotidiano (e.g. família, actividades, entre outros). Segundo estudos de Garcia e Pereira (2008) e Garcia e Dettogni (2010), a conversa é a actividade mais mencionada pelas crianças e adolescentes como sendo a mais realizada, quando na companhia dos seus amigos. Quanto aos temas mais abordados pelos segundos, encontram-se as actividades, as relações familiares, a sexualidade, os rapazes, a televisão e o desporto, temas que os adultos participantes deste estudo nomearam como sendo também abordados pelos mesmos nas suas interacções com os amigos.

Encontrarem-se fora da instituição parece não ser algo fácil para estes sujeitos, isto é, passear, visitar locais culturais, frequentar a casa uns dos outros. Sendo que para a grande parte destes adultos este fenómeno é extremamente complicado de executar, tendo apontando uma serie de barreiras que os impossibilita do mesmo. A principal barreira apontada foi os seus cuidadores (pais, tios e avós). As ideias aqui encontradas parecem ir de acordo com as pesquisas feitas por Hutchison (1990), Matheson, Olsen e Weisner (2007), Mirfin-Veitch (2003), sobre os problemas que os adultos com deficiência intelectual possuem para encontrar e manter as relações de amizade. Em que um dos principais problemas apontados pelos mesmos seria a intromissão, a superprotecção e as atitudes dos pais. Apesar de neste estudo os participantes terem referido os seus cuidadores como a principal barreira, não se conseguiu conhecer a razão em si mesma. O gosto em estar mais tempo com os amigos fora da instituição, foi

algo manifestado pela maioria dos sujeitos durante a entrevista, o que parece ir ao encontro por Dia e Harry (1999).

Nos relacionamentos de amizade por vezes podem ocorrer conflitos entre amigos, que apesar de não serem vistos como algo positivo, fazem parte dos aspectos designados como negativos da amizade (Barry & Madsen, 2012; Burk & Laursen, 2008; Garcia, 2005). No presente estudo, os adultos deficientes intelectuais, maioritariamente afirmaram já terem entrado em conflito com algum amigo, mencionando ações que consideram impróprias, como a causa principal. Segundo Matheson, Olsen e Weisner (2007), as relações onde ocorrem este tipo de conflitos, são propícias dos adolescentes com deficiência intelectual. Sendo, a gestão do conflito nomeadamente feita através do pedido de desculpa.

Neste estudo, segundo a opinião dos adultos deficientes intelectuais, é importante ter amigos. Assim, parece que os adultos tendem a considerar que os amigos contribuem de forma positiva para as suas vidas, dando-lhes a possibilidade de se sentirem bem, felizes e de terem com quem partilhar as suas motivações. Apesar de terem sido menos mencionados pelos sujeitos, os aspectos referentes à ausência de amigos, como a infelicidade e o mal-estar também foram mencionados. Estes segundo Mirfin-Veitch (2003) são caracteristicamente apontados pelos sujeitos na condição de deficientes.

Conclusão

No estudo apresentado procurou conhecer-se como é que adultos com deficiência intelectual caracterizam as suas relações de amizade.

Através da discussão dos resultados, podemos concluir que os adultos deficientes intelectuais, à semelhança dos adultos com desenvolvimento típico, possuem o conceito de amizade, amigo e melhor amigo. Mencionando sempre o suporte como o aspecto principal de caracterização dos mesmos.

No entanto, ao contrário do que ocorre normalmente com os adultos com desenvolvimento típico, os adultos deficientes intelectuais, tal como tinha sido apontado por Mirfin-Veitch (2003) possuem muita dificuldade em estabelecer novos laços de amizade e manter os já adquiridos, devido a uma série de barreiras práticas existentes nos ambientes em que estão inseridos. Neste estudo, os cuidadores foram a principal causa apontada pelos participantes, para o facto de não poderem socializar com os amigos mais tempo e noutros contextos que não a instituição que frequentam. A condição de deficiência não foi referida por nenhum dos participantes como sendo uma barreira à formação de novos laços de amizade.

Contudo, podemos afirmar que para além do que já fora mencionado, existem muitas outras variáveis que podem interferir na formação e manutenção dos relacionamentos de amizade, cabendo, se possível, aos responsáveis pelos adultos deficientes a criação de estratégias que possam aumentar essas oportunidades. Possibilitando-lhes assim, uma maior socialização e interação/convivência entre amigos, em diferentes contextos, de modo a conferir aos mesmos uma das principais premissas das relações de amizade, a continuação e durabilidade dos relacionamentos. Segundo Bray, Gates e Beasley (2003), sem a ajuda e apoio contínuo dos responsáveis e/ou de serviços que têm a cuidado adultos nestas condições, nada do que foi mencionado anteriormente será possível. Sendo que ajudar, neste caso, não é todavia controlar os sujeitos, mas sim conceder-lhes a máxima autonomia dentro dos padrões vistos como possíveis, como declarou Mirfin-Veitch (2003).

Através da entrevista foi possível perceber-se o quanto é importante ter amigos para estes sujeitos, sendo um dos principais preditores de felicidade e bem-estar (físico e psicológico) dos mesmos. Sem amigos, estas pessoas referem aspectos como a infelicidade, o mal-estar e apesar de pouco mencionado, tristeza.

Relativamente às limitações deste estudo, podemos apontar em primeiro lugar o facto de existir um acesso bastante limitado a fontes bibliográficas que tratem do tema da amizade em pessoas com deficiência intelectual, nomeadamente em adultos. Outra limitação terá sido a generalização dos resultados, ou seja, apesar dos mesmos terem sido significativos, tendo em conta a teoria apresentada, não podem ser generalizados a toda uma população de adultos na condição de deficientes intelectuais. Sendo interessante e importante, fazerem-se futuramente outros estudos sobre o tema, aplicado a um maior número de sujeitos, e tendo em conta outras variáveis como por e.g. as diferenças de género e a perspectiva dos cuidadores sobre as relações de amizade dos filhos adultos com deficiência intelectual.

Referências Bibliográficas

Almand, K. (2011). Older adult's social support and its effects on their everyday self-maintenance activities: Findings from the household survey of urban Lahore-pakistan. *A Research Journal of South Asian Studies*, 26(1):37-52.

Armatas, V. (2009). Mental retardation: definitions, etiology, epidemiology and diagnosis. *Journal Sport Health Research*, 1(2):112-122.

Batista, M.W., Enumo, S. R. F. (2004). Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. *Estudos de Psicologia*, 9 (1):101-111

Batshow, M.D., Raizen, N.M.D., Anthony, L., Campbell, P., Dresch, L., Kenworthy, L. & Pellegrino, L.M.D. (2012). *Children with Disabilities*. USA:PAUL H. Brookes Publishing Co.

Barry, C. M. & Madsen, S. D. (2012). *Friends and friendships in emerging adulthood. Changing Spirituality of Emerging Adults*. Consultado a 26 de Fevereiro de 2013, através de <http://www.changingsea.net/essays/Barry.pdf>.

Becerra, C.L., Lagunes, I.R. & Aragón, S.R. (2009). Strategies of friendship maintenance in Mexico: Gender differences. In Mexico: Gender Differences. In A. Gari and K. Mylonas (Eds). QUODERAD DEMONSTRANDUM. From *Herodotus Ethnographic Journeys to Cross-Cultural Research*, 333-340. Athens, Greece: Pedio Books Publishing.

Bonono, L.M., Garcia, A. & Rossetti, C. (2009). O adolescente com síndrome de down e rede de relacionamento: Um estudo exploratório sobre as suas amizades. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3):114-130. Brasil

Bray, A., Gates, S. & Beasley, D. (2003). *Community participation for adults with an intellectual disability*. Wellington: Donald Beasley Institute.

Brito, C. (2009). *A amizade em jovens com deficiência intelectual*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.

Burk, W. J. & Laursen, B. (2008). Adolescent perceptions of friendship and their associations with individual adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (2):156-164. Florida.doi:10.1080/016502504444000342.

Casado, C. (2012). *Interações e relações de amizade: Um estudo longitudinal no contexto de uma escola inclusiva*. Dissertação de Doutorado, Universidade Federal do Pará.

Castles, E. E. (1996). *We're people first. The social and emotional lives of individuals with mental retardation*. Westport, Conn: Praeger.

Cavanaugh, J.C. & Blanchard-Fields, F. (2010). *Adult development and aging*. Canada: Wadsworth Cengage Learning.

Chen, X., Chung, J. & Hsiao, C. (2009). *Peer interactions and relationships from a cross-cultural perspective. Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: Guildford Press.

Coelho, M.D., Tavares, K. & Garcia, A. (2006). Amizade e a criança com síndrome de down. In Garcia, A. (org). *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. Vitória:Ufes.

Coleman, J. C., & Hendry, L. (1999). *The nature of adolescence*. London: Routledge.

Collins, W. A. & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In W. Damon & N. Eisenberg, *Handbook of child psychology: Vol.4, Socioemotional processes*, 1003-1067. New York: Wiley.

Coon, D. & Mitterer, J.O. (2010). *Introduction to psychology: Gateways to mind and behavior*. Belmont: Wadworth Cengage Learning.

Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 24(4), 509-517

Cuckle, P. & Wilson, J. (2002). Social relationships and friendships among young people with down's syndrome in secondary schools. *British Journal of Special Education*, 29 (2): 66-71.

Deci, E. L., LaGuardia, J.G., Moller, A. C., Scheiner, M.J., & Ryan, R.M. (2006). On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32:313-327. doi:10.1177/0146167205282148

D'Haem, J. (2008). Special at school but lonely at home: Na alternative friendship group for adolescents with down syndrome. *Down Syndrome Research and Practice*, 12(2).

Day, M. & Harry, B. (1999). Best friends: The construction of a teenage friendship. *Mental Retardation*, 37, 221-231.

De-Leon, C. (2005). Why do friendships matter for survival? *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59 (7), 538-539.

Demir, M. & Orthel, H. (2011). Friendship, real-ideal discrepancies, and well-being: Gender differences in college students. *The Journal of Psychology*, 145 (3), 173-193.

Demir, M., Ozen, A., Dogan, A., Bilyk, N.A. & Tyrell, F. A. (2011). I matter to my friend, therefore I am happy: Friendship, mattering, and happiness. *Journal Happiness Stud*, 12, 983-1005.doi:10.1007/510902-010-9240-8.

Duvdevany, I. (2008). Do persons with intellectual disability have a social life? The israeli reality israel. *Salud Pública de México*, 50 (2), 222-229.

Epstein, J. (2006). *Friendship: an exposé*. New York: Houghton Mifflin Harcourt

Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. London: Sage.

Gabbard's, G. (2007). *Gabbard's treatments of psychiatric disorders. Treatments of psychiatric disorders*. Arlington: Glen O. Gabbard.

Garcia, A. (2005). *Psicologia da amizade na infância*. Relacionamento interpessoal - Estudos e Pesquisas. Brasil: UFES.

Garcia, A. & Dettogni, F.G. (2010). *Amizade e focos de actividade no ensino médio*. Universidade Federal do Espírito Santo. Consultado a 10 de Agosto de 2013, através de http://agnaldogarcia.files.wordpress.com/2010/12/07_paper.pdf.

Garcia, A. & Pereira, P. C.C. (2008). Amizade na infância: um estudo empírico. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9 (1), 25-34

Gates, B. & Barr, O. (2009). *Oxford handbook of learning and intellectual disability nursing*. New York: OXFORD University Press

Gigch, J. P. (2007). On the possibility of restoring trust from mistrust and friendship from enmity and hatred. *Systems Research and Behavioral Science*, 24:261-269.doi:10.1002/sres.813.

Giles, L.C. (2007). *The effects of social networks on the health of older Australians*. Dissertação de Doutorado, University of Adelaide, Australia.

Giles, L.C., Glonek, G.F.V., Luszcz, M.A. & Andrews, G.R. (2005). Effects of social networks on 10 year survival in very old Australians: The Australian' longitudinal study of aging. *Journal Epidemiology Community Health*, 59(7):574-579.doi:10.1136/jech.2004.025429.

Gordon, V.S. & Russel, L.P. (2005). *Intellectual property: Valuation, exploitation, and infringement damages*. New Jersey: John Wiley and Sons, Inc.

Guralnick, M.J. (2011). Why early intervention works: A systems perspective. *Infants and Young Children*. 24, 6–28.

Guralnick, M. J., Hammond, M.A., Connor, R. T., & Neville, B. (2006). Promoting the peer-related social development of young children with mild developmental delays effectiveness of a comprehensive intervention. *American Journal on Mental Retardation*, 111 (5), 336-356.

Guroglu, Lieshout, Haselager & Scholte (2007). Similarity and complementarity of behavioral profiles of friendship types and types of friends: friendships and psychosocial adjustment. *Journal of Research on Adolescence*, 17(2), 357-386.

Harris, J. C. (2011). *Intellectual disability: A guide for families and professionals*. New York: Oxford University Press.

Huitt, W.G. & Dawson, C. (2011). Social development: Why it is important and how much to impact it. *Educational Psychology Interactive*. Valdosta State University, Valdosta GA.

Hughes, R.P., Redley, M & Ring, H. (2011). Friendship and adults with profound intellectual and multiple disabilities and English. *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities*, 8(3):197-206.

Hutchison, P. & Lord, J. (1950). *Five approaches to building relationships*. Canada: Inclusion Press.

Hutchinson, P. (1990). A qualitative study of the friendships of people with disabilities. In: Bryan J.A. Smale. *Leisure Challenges: Bringing People, Resources and Policy into Play*. Ontario Research Council on Leisure, University of Waterloo.

Inácio, C. (2011). *Representações de amizade em jovens com deficiência mental*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

Jobling, A., Moni, K. B. & Nolan, A. (2000). Understanding friendship: young adults with down syndrome exploring relationships. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 25 (3): 235-245. doi:10.1080/13668250020006231.

Knox, M. & Hickon, F. (2001). The meaning of close friendship: the views of four people with intellectual disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 14, 276-291.

Kober, R. (2010). *Enchancing the quality of life of people with intellectual disabilities: From theory to practice*. Australia: Springer.

Ko, P. & Buskens, V. (2011). Dynamics of adolescent friendships: the interplay between structure and gender. *International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining*. doi:10.1109/ASONAM.2011.30

Lang, F. R. & Fingerman, K.L. (2004). *Growing together: Personal relationships across the life span. Advances in Personal Relationships*. United Kingdom: Cambridge University Press.

Laws, G. & Kelly, E. (2005). The attitudes and friendship intentions of children in united kingdom mainstream schools towards peer with physical or intellectual disabilities. *International Journal of Disability, Development and Education*, 52 (2), 79-99. doi:10.1080/10349120500086298.

Ledbetter, A.M., Griffin, E. & Sparks, G.G. (2007). Forecasting “friends forever”: A longitudinal investigation of sustained closeness between best friends. *Personal Relationships*, 14:343-350. doi:1350-4126/07

Lyubomirsky, S. (2008). *The how of happiness: A scientific approach to getting the life you want*. New York: Penguin Press.

Matheson, Olsen & Weisner (2007). A good friend is hard to find: friendship among adolescents with disabilities. *American Journal on Mental Retardation*, 112 (5): 319-329.

McVilly, K. R., Stancliffe, R.J., Parmenter, T.R. & Burton-Smith, R.M. (2006). I get by with a little help from my friends: Adults with intellectual disability discuss loneliness. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 19(2), 191-203.

Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (2012). *Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: mcgill friendship questionnaires*. Consultado a 29 de Março de 2013 através de <http://www.midss.ie/sites/www.midss.ie/files/mfqlng.pdf>.

Mirfin-Veitch, B. (2003). *Relationships and adults with an intellectual disability*. Wellington: Donald Beasley Institute

Mokhtari, A. (2008). *Listening to the voices of adolescents with intellectual disabilities. Friendship Experiences*. Dissertação de Mestrado, Queen’s University. Canada.

Neves, C. I. C., & Pinheiro, M. R. M. (2009). A qualidade dos relacionamentos interpessoais com os amigos: adaptação e validação do Quality of Relationships Inventory (QRI) numa amostra de estudantes do ensino superior. *Exedra Journal*. Consultado a 30 de Março de 2013 através de <http://www.exedrajournal.com/docs/N2/02A-catarina-e-isabel.pdf>

Newton, J.S., Olson, D., & Homer, R.H. (1995). Factors contributing to the stability of social relationships between individuals with mental retardation and other community members. *Mental Retardation*, 33 (6):383-393.

Parker, J. G. & Seal, J. (1996). Forming, losing, renewing, and replacing friendships: Applying temporal parameters to the assessment of children's friendship experiences. *Child Development*, 67, 2248-2268.

Peron, S.I., Guimarães, L.S. & Souza, L.K. (2010). Amizade na adolescência e a entrada na universidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10, 664-681.

Peterson, C. (2006). *A primer in positive psychology*. Oxford: Oxford University Press.

Ponti, L., Guarnieri, S., Smorti, A. & Tani, F. (2010). A measure for the study of friendship and romantic relationship quality from adolescence to early-adulthood. *The Open Psychology Journal*, 3, 76-87.

Reed, F. D. G., McIntyre, L. L., Dusek, J. & Quintero, N. (2011). Preliminary assessment of friendship, problem behavior, and social adjustment in children with disabilities in an inclusive education setting. *Journal Development Physical Disability*, 23, 277-489. doi:10.1007/s10882-011-9236-2.

Richardson, A., & Ritchie, J. (2008). *Developing friendships: enabling people with learning difficulties to make and maintain friends*. Great Britain: University of California.

Rubin, K.H, Bukowski, W.M. & Laursen, B. (2009). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: The Guilford Press.

Santrock, J.W. (2009). *Life-span development*. Boston: McGraw-Hill.

Schalock, R. L., Borthowick-Duffy, S.A., Buntinx, W.H.E., Coulter, D. L. & Graig, E.P. (2010). *Intellectual Disability: Definition, classification, and systems of supports*. USA: aaidd.

Shokoohi-Yekta, M., & Hendrickson, J.M. (2010). Friendships with peer with severe disabilities: American and Iranian secondary ideas about being a friend. *Education and Training in Autism and Developmental Disabilities*, 45 (1):23-37.

Schmidt, M.E. & Bagwell, C. L. (2011). *Friendships in childhood and adolescence*. New York: The Guilford Press.

Solomon, M. Buaminger, N. & Rogers, S. J. (2010). Abstract reasoning and friendship in high functioning preadolescents with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 41, 32-43.

Sousa, D.A. & Cerqueira-Santos, E. (2011). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Revista Psicopedagogia*, 28 (85), 53-66.

Sousa, D. A. & Cerqueira-Santos, E. (2012). Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3): 345-356.

Souza, L.K. & Hutz, C.S. (2007). Diferenças de género na percepção da qualidade da amizade. *Psico*, 38 (2), 125-132

Souza, L.K. & Hutz, C. S. (2008). Amizade na adultez: Factores individuais, ambientais, situacionais e diádicos. *Interação em Psicologia*, 12 (1): 77-85.doi:8166-45546-1-PB

Souza, L.K. (2008). *In search of true friendship*. Belo Horizonte: Kriterion.

Spencer, S. V., Bowker, J. C., Rubin, K. H., Booth-Laforce, C. & Laursen, B. (2013). Similarity between friends in social information processing and associations with positive friendship quality and conflict. *Merril-Palmer Quarterly*, 59 (1):106-131.

Stephanou, G., & Balkamou, K. (2010). Elementary school children's attributions and emotions for their friendships with their peers. Paper presented at the 3rd *International Conference of the Psychological Society of Northern Greece: Children and Youth in Changing Societies*. Thessaloniki.

Stoyanova, S. Y. (2008). Factors influencing the choice of friends – analysis of Bulgarian friendship networks. *Portularia*, VIII (1): 93-109.

Ventosa, V. & Marset, R. (2003). *Integração de pessoas com perturbações psíquicas em actividades de tempos livres*. Lisboa: Dinalivro

Vernon, M. (2006). *The philosophy of friendship*. Great Britain: PALGRAVE MACMILLAN.

West, T. (2008). *Friendship of preschool children with disabilities: The role of child, adult, and program characteristics*. Dissertação de Doutoramento, University of North Carolina.

Westwood, P. (2009). *What teachers need to know about: Students with disabilities*. Australia: Aust Council for Ed. Research.

Wieselquist, J. (2007). Commitment and trust in young adult friendships. *Interpersona*, 1(2): 209-220.

Anexos

Anexo A

Exmo.(a) Sr.(a) Director(a)

Eu, Nádía S. Pinto Correia, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia - área de Psicologia Educacional – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, venho por este meio pedir a vossa colaboração no sentido da investigação ser feita com alguns dos adultos com deficiência intelectual da instituição que V. Excelência dirige, após a obtenção da autorização por parte dos seus Encarregados de Educação, para a realização de um trabalho teórico-prático: investigação sobre as relações a representação das relações de amizade detidas por adultos com deficiência intelectual.

Foi entendimento da Directora de Serviços de Inovação Educativa, da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (de quem recebemos, em 21-9-2010 a comunicação ref. S-DGIDC/2010/5180DSIE), que este trabalho não se enquadra no disposto no Despacho 1584/2007, relativo à realização de inquéritos em meio escolar pelo que não será necessária autorização da DGIDC.

Todos os dados recolhidos serão confidenciais e em nenhuma parte do trabalho constará qualquer informação que permita identificar o participante, os pais e outros implicados.

Agradeço antecipadamente a vossa colaboração.

Lisboa, __/__/____

Anexo B

1. Dados Biográficos

1.1.Gênero	1.2.Idade	1.3.Agregado Familiar
Sujeito 1 – Masculino	25	Pais
Sujeito 2 – Feminino	34	Pais
Sujeito 3 – Masculino	33	Pais
Sujeito 4 – Feminino	25	Pais
Sujeito 5 – Masculino	30	Mãe
Sujeito 6 – Feminino	25	Pais
Sujeito 7 – Masculino	32	Pais
Sujeito 8 – Feminino	29	Pais
Sujeito 9 – Feminino	26	Avós
Sujeito 10 – Feminino	25	Mãe
Sujeito 11 – Feminino	35	Pais
Sujeito 12 – Feminino	26	Pais
Sujeito 13 – Feminino	31	Pais
Sujeito 14 – Feminino	35	Mãe
Sujeito 15 – Feminino	35	Pais
Sujeito 16 – Masculino	34	Mãe
Sujeito 17 – Feminino	33	Avós
Sujeito 18 – Feminino	27	Pais
Sujeito 19 – Feminino	26	Mãe
Sujeito 20 – Feminino	31	Pais
Sujeito 21 – Masculino	33	Pais
Sujeito 22 – Feminino	30	Pais
Sujeito 23 – Feminino	32	Pais
Sujeito 24 – Feminino	26	Pais
Sujeito 25 – Masculino	28	Pais
Sujeito 26 – Feminino	27	Pais
Sujeito 27 – Masculino	33	Mãe
Sujeito 28 – Feminino	35	Mãe
Sujeito 29 – Masculino	25	Tia
Sujeito 30 - Feminino	25	Pais

2. Conceito de Amizade

O que é a amizade?

Sujeito 1 – “É uma coisa muito boa...É uma coisa alegre, uma coisa muito ótima ...a amizade é uma coisa mesmo muito boa. É alegria”

Sujeito 2 – “É uma coisa verdadeira...ahhhm mais forte, que me deixa feliz”

Sujeito 3 – “A amizade é uma coisa que eu gosto, é uma coisa que eu sinto no meu coração, quando vejo alguém com problemas ou a ser maltratado por alguém eu estou lá para ajudar”

Sujeito 4 – “a amizade, a amizade é...gostar das outras pessoas e depois é gostar das outras pessoas e...e às vezes comunicam, falam sobre a comunidade com que trabalham e falam ao mesmo tempo. E há outras coisas que a amizade é...está ligada à vida dos outros”

Sujeito 5 – “é fazer amigos”

Sujeito 6 – “a amizade é termos confiança nas pessoas e sermos amigos das pessoas tanto cá dentro do centro, como lá fora”

Sujeito 7 – “A amizade é não estar triste”

Sujeito 8 – “Ter confiança nas pessoas de que nós gostamos, valorizar os conceitos dos nossos amigos. E amizade para mim é saber dar-nos bem com as pessoas, ser próxima delas”

Sujeito 9 – “Amizade é ser fiel, hum...não roubar as coisas das outras pessoas. É ter confiança, respeitar”

Sujeito 10 – “É tudo que há de bom no mundo”

Sujeito 11 – “A amizade é quando nós gostamos de uma pessoa. Onde somos todos amigos e simpáticos”

Sujeito 12 – “Amizade é sair com os amigos, ir ao cinema, passear, jantar fora, almoçar”

Sujeito 13 – “Não sei”

Sujeito 14 – “É carinho, amor, ser amigo”

Sujeito 15 – “A amizade é ter amigos”

Sujeito 16 – “Conviver com os amigos”

Sujeito 17 – “Não sei”

Sujeito 18 – “A amizade para mim é muita coisa. É tudo de bom”

Sujeito 19 – “A amizade para mim é...é uma relação que a gente constrói entre amigos, em que a gente ganha um amigo à medida que temos que conhecer primeiro. E há medida que a gente cresce e a gente se vai conhecendo, à uma amizade entre...entre amigos”

Sujeito 20 – “É uma pessoa, gosta um, outro”

Sujeito 21 – “Amizade...amizade...é fazer amigos”

Sujeito 22 – “A amizade para mim é dançar, música e mais nada”

Sujeito 23 – “Amor, carinho e amizade”

Sujeito 24 – “Amor, carinho, estarem bem comigo, prendas, tudo”

Sujeito 25 – “É ... é gostarmos de outra pessoa como amigo”

Sujeito 26 – “A amizade é estar com os amigos, sair com eles, brincar com eles...”

Sujeito 27 – “Amizade é uma coisa boa que a gente tem com outras pessoas...humm...ai a gente ajuda uns aos outros, cuida, dá carinho”

Sujeito 28 – “A amizade é ótima, faz bem ao coração, é ter amigos e amigas”

Sujeito 29 – “Amizade...o que é?”

Sujeito 30 – “É ter amigos”

3. Conceito de Amigo

O que é um amigo?

Sujeito 1 – “Ser simpático, alegre e divertido”

Sujeito 2 – “Gostam de mim, preocupam-se com as pessoas, cuidam de mim...”

Sujeito 3 – “Ser amigo é estar ao pé da pessoa, dizer-lhe que pode contar comigo para o resto da vida, para contar...desejar boa sorte nos bons momentos e também nos maus momentos e ser amigo por toda a vida. Ao pé dos amigos sinto-me mais protegido, fico mais perto da pessoa”

Sujeito 4 – “Então ser amigo é comportar como deve ser. Amigo é ser muito especial porque se pode falar com ele e depois...e depois...ahmm...que falam, que dizem para nos comportarmos como deve ser, falam com calma, é não responder torto. Falar de problemas da rua, de casa, da comunidade. Ir ao café”

Sujeito 5 – “Um amigo é alguém que se porta bem”

Sujeito 6 – “Então ser amigo é, ajudar os outros e não fazer coisas aos outros que não gostamos que façam a nós. Por exemplo, eu vou-te dar um exemplo, dar pontapés, chamar nomes, não se pode fazer isso a um amigo porque se não ele fica triste”

Sujeito 7 – “Um amigo é...é ser amigo. Eu sou amigo. Se os meus amigos estiverem tristes eu converso com eles”

Sujeito 8 – “É termos alguém que é de inteira confiança, que devemos confiar, que nos aconselha e que nos ajuda e se preocupa connosco”

Sujeito 9 – “É especial, ahm...combinar encontro, mais...passear”

Sujeito 10 – “alguém em quem confio e sabe os meus segredos”

Sujeito 11 – “É bom, é ficar alegre e é bom para a alma”

Sujeito 12 – “Amigos é, conversar e conviver”

Sujeito 13 – “É a (nome da amiga)”, “É boa rapariga, porta-se bem...”, “E mais...e eu mais ela... pintar comigo”

Sujeito 14 – “É...amigos é...carinho. Ajudar”

Sujeito 15 – “É com quem tenho amizade. Ajudo, digo miminhos a eles quando choram, tem calma e às vezes zangam-se outras vezes não. E uma vez a minha mãe estava no hospital e eu estava a chorar lá em baixo, e o (nome do amigo) veio ter comigo e disse assim “Oh “Maria”! Não chores mais, a tua mãe vai ficar boa”. E a mãe dele até me deu um beijinho e disse “A tua mãe vai ficar bem”, “apoiam e ajudam”

Sujeito 16 – “O Nuno por exemplo. Porque se porta bem, aperta-me a mão, pergunta se está tudo bem”

Sujeito 17 – “Um amigo é uma pessoa que vai para todo o lado connosco”

Sujeito 18 – “É para toda a vida. É uma amiga de infância. Porta-se bem e compreensível e...ser amiga de toda a gente”

Sujeito 19 – “Um amigo...um amigo é para a gente conversar, ahmmm a gente falar...ahmm, dar conselhos, ihh e mais...e para ajudar quando a gente tem assim alguma dúvida, ou ajudar quando não se sabe do que se está a falar e uma pessoa pergunta e não tem assim não diz tudo e tem medo de dizer alguma coisa. Ajuda o amigo”

Sujeito 20 – “Amigos é amizade, é fum fum fums (dar à língua). Ajuda quando triste um ao outro”

Sujeito 21 – “É a psicóloga estagiária. Falo com ela. É simpática. É amor, é carinho, atenção”

Sujeito 22 – “É conversar, é falar e...sobre os nossos problemas”

Sujeito 23 –“ Amigos...é gostar deles”

Sujeito 24 –“Portar bem com nós, beijinhos muitos a mim”

Sujeito 25 –“Um amigo é estar lá quando alguém precisa de ajuda, ou assim...”

Sujeito 26 –“Amigos são pessoas que...que eu gosto e que gostam de mim”

Sujeito 27 –“Um amigo, hummm...é alguém especial que nos ajuda, está connosco sempre, escuta...é um amigo.

Sujeito 28 –“Fala com os amigos, apoio e amor”

Sujeito 29 –“Amigo...um amigo é ajudar”

Sujeito 30 –“Um amigo (riu) eu tenho amigos, eles brincam comigo, dão beijinhos, fazem assim (mexeu no nariz), não batem”

4. Conceito de Melhor Amigo

O que é um melhor amigo?

Sujeito 1 – “Alguém que fala comigo”

Sujeito 2 – “É uma pessoa que fala comigo, conversa e essas coisas assim”

Sujeito 3 – “Por exemplo, quer me ajudar, sinto-me aliviado com ela, sinto-me pronto para ajudar os outros também. E os outros amigos não, são só amigos”

Sujeito 4 – “Um melhor amigo ou melhor amiga é uma pessoa muito especial”, “É, é especial porque é assim, é sensibilidade com os problemas de saúde ou de casa”.

Sujeito 5 – “Um melhor amigo é o meu (nome do amigo)”, “Porque é um amigo antigo, já conheço desde pequenino e já está no centro há muito tempo como eu. É por isso que é melhor amigo”

Sujeito 6 – “Tenho, aqui no centro a minha melhor amiga é a (nome da amiga). Ela é amiga de quem é amiga dela, muito querida, e às vezes quando faço coisas feias ela dá-me bons conselhos de coisas que devo fazer. E quando estou triste procuro-a porque ela ajuda-me é mesmo muito minha amiga”

Sujeito 7 – “Um não, dois. A (nome das amigas), porque já me conhecem desde pequenininho. E mando os beijinhos aos pais delas”

Sujeito 8 – “Um melhor amigo é alguém com quem temos conversas fora do normal, além de falarmos daquilo que nós sentimos, não é! Podemos conversar sobre tudo e saber partilhar os nossos sentimentos”

Sujeito 9 – “É quem conto as minhas coisas de segredo”

Sujeito 10 – “É confiar nesse amigo mais do que nas outras pessoas. Estar sempre a ajudar quando ele precisa e se eu precisar também ele me ajuda”

Sujeito 11 – “Tenho uma é a (nome da amiga). Está no coração”, “Porque já conheço desde bebé”

Sujeito 12 – “É a (nome da amiga) ela vai comigo às vezes ao cinema”

Sujeito 13 – “Sim, a (nome dos amigos)”, “Porque estão no fundo do meu coração sempre”

Sujeito 14 – “É o (nome do amigo), é divertido, é querido, é simpático é isso tudo (sorriu)”, “Desde bebé conheço o (nome do amigo) é especial”

Sujeito 15 – “O (nome do amigo)”, “Converso mais com ele, e já o conheço à muito tempo viemos juntos para o centro”

Sujeito 16 – “É o (nome do amigo). Porque é simpático e gosta de mim”

Sujeito 17 – “Um melhor amigo...é o meu sobrinho, com quem pinto, falo, brinco.”

Sujeito 18 – “São pessoas mais velhas, que me ajudam, apoiam quando tenho problemas”

Sujeito 19 – “Tenho duas. Tenho uma que se chama (nome da amiga). Um melhor amigo serve para desabafar os problemas, resolver os problemas de uma pessoa, alguém em que que confio, que converso e quando essa pessoa tem algum problema eu tenho que ouvir e tenho que tentar ajudar, e quando ela está triste ou está chateada tenho que a apoia-la, tenho que ajuda-la a resolver o problema. Se não conseguir ajudar, tenho que pedir ajuda há aqueles que sabem resolver. Aquilo que consigo resolver, eu resolvo. Agora, aquilo que é mais grave mais que a pessoa não consegue resolver sozinha, então tenho que pedir ajuda a um psicólogo”

Sujeito 20 – “É alguém do coração que está noutra centro e conheço desde pequeninnha”

Sujeito 21 – “É a psicóloga estagiária também. Fala comigo, tenho saudades de a ver quando não vejo...confiar. É especial”

Sujeito 22 – “É um amigo especial e é o (nome do amigo). Porque ele é meu amigo há muito tempo”

Sujeito 23 – “ Gosto dele, amizade, carinho e amor”

Sujeito 24 – “O meu namorado é o meu melhor amigo. Dá prendas, dá prendas, carinho e amor”

Sujeito 25 – “ É o que ajuda o próximo, ajuda a resolver problemas”

Sujeito 26 – “É um amigo especial”

Sujeito 27 – “Então...um melhor amigo, ou melhor amiga é uma pessoa que gosta da gente, se preocupa com a gente, ouve os segredos e conta para ninguém, e é isso”

Sujeito 28 – “...Gosta de mim, está no coração”

Sujeito 29 – “Melhor amigo...essa também não sei...o que é?”

Sujeito 30 – “Um melhor amigo... (?) ”

5. Quantidade de amigos

Tens muitos ou poucos amigos? (Poucos) Porquê?

Sujeito 1 – “Muitos. Porque é fácil, é fácil fazer amigos”

Sujeito 2 – “Tenho muitos. Porque gosto de todos”

Sujeito 3 – “Tenho muitos. Porquê? Então porque sou bom rapaz, porto-me bem e isso ajuda a ter amigos”

Sujeito 4 – “ (contou pelos dedos) uma, duas...três. São três amigos. São poucos. Porque amigos quer dizer que são mais espertos, sabem bem ver as horas, sabem ir ao café, sabem contar o dinheiro, sabem contar a vida pessoal, sabem ajudar quem precisa de ajuda, como os responsáveis do centro ou as monitoras. Tenho poucos amigos porque eles é que não são espertos”

Sujeito 5 – “Muitos. Porto-me bem e sou simpático.”

Sujeito 6 – “Muitos. Porque sou simpática”

Sujeito 7 – “Muitos, muitos amigos aqui no centro. Porque elas gostam de mim. Não largam mim”

Sujeito 8 – “Tenho quase nenhum. Porque arranjo confusões”

Sujeito 9 – “Poucos amigos, porque gosto muito poucos. Muitos dá confusões, arranjam confusões e eu não gosto de confusões, gosto mais de poucos”

Sujeito 10 – “Muitos, muitos. Porque dou-me com todos os colegas. Falo, converso, faço conceguinhas neles, brinco, dou abraçinhos”

Sujeito 11 – “Tenho. Tenho muitos, muitos amigos. Sou simpática, é por isso”

Sujeito 12 – “ Hummm...poucos. Os colegas não falam muito comigo, sou chata às vezes...só às vezes. Faço perguntas que não interessam e eles não gostam”

Sujeito 13 – “ Tenho. Tenho muitos amigos.”

Sujeito 14 – “ Mais ou menos...ahmm poucos. Porque não há confusões assim...não gosto de confusões”

Sujeito 15 – “Tinha muitos, mas já faleceram. Mas tenho muitos aqui no centro. Porque sou simpática”

Sujeito 16 – “Muitos. Porque porta bem, faço assim (mostrou um sorriso) aos todos amigos”

Sujeito 17 – “Poucos. Porque só gosto das pessoas que conheço, se não conheço não conheço pronto”

Sujeito 18 – “Ahmmm alguns...poucos. E só aqui...no centro. Olha...porque, sei lá...(sorriu) porque não tenho mais. Chegam os que tenho”

Sujeito 19 – “Muitos. Porque acho que sou boa rapariga e consigo ter uma boa relação com as pessoas que depois de um tempo de conhecer...hummm...evolui a relação e ficamos amigos”

Sujeito 20 – “Muitos. Porque...gosto de amigos e eles gosta de mim”

Sujeito 21 – “Poucos. Não ligo a ter muitos amigos. Tenho poucos chega. É a psicóloga estagiária, o Pedro Simões e o Sr. Pedro”

Sujeito 22 – “Tenho muitos amigos”

Sujeito 23 – “Muitos amigos”

Sujeito 24 – “Muitos amigos”

Sujeito 25 – “poucos e bons. Não preciso de muitos”

Sujeito 26 – “Eu tenho muitossss amigos”

Sujeito 27 – “Alguns aqui no centro”

Sujeito 28 – “Amigos, tenho muitos”

Sujeito 29 – “Tenho muitos”

Sujeito 30 – “Hummm, eu tenho muitos”

6. Género dos amigos

Tens mais amigos rapazes ou raparigas? Porquê?

Sujeito 1 – “Tenho mais, mais raparigas. Raparigas. Porque as raparigas são mais minhas amigas, os rapazes não são tão meus amigos”

Sujeito 2 – “Mais meninos. Porque são mais simpáticos, estou melhor com eles, por isso na minha sala há só meninos, é por isso”

Sujeito 3 – “Hummm...raparigas. Dou-me melhor com as raparigas. Brinco mais com as

raparigas”

Sujeito 4 – “Com os dois”

Sujeito 5 – “Rapazes e raparigas, é igual”

Sujeito 6 – “Raparigas. Porque temos coisas assim mais...ai...iguais. Por exemplo, gostamos das mesmas coisas”

Sujeito 7 – “Mais meninas. Porque gosto mais de meninas. São umas fofas”

Sujeito 8 – “São mais rapazes. Porque sinto que gostam mais de mim. E porque sinto mais inclinação por rapazes”

Sujeito 9 – “Gosto mais só de raparigas. Porque são mais simpáticas”

Sujeito 10 – “Os dois. Gosto de ter amigos rapazes e raparigas, não ligo a isso”

Sujeito 11 – “Rapazes e raparigas”

Sujeito 12 – “Mais raparigas. Porque as meninas dão bem comigo. De rapazes não gosto”

Sujeito 13 – “Meninas. Meninas. As meninas são mais amigas minhas. Gosto mais delas”

Sujeito 14 – “ Hummm meninos. Porque gosto mais...quero dizer...é mais amigos como o Nuno Miguel, o Zé Pedro, o Euclides...eu gosto muito de rapazes, brincam comigo. As raparigas dão conta da minha cabeça, como a (nome da colega). Só confusões. Ai. Não gosto”

Sujeito 15 – “As duas coisas, meninos e meninas. Gosto dos dois”

Sujeito 16 – “Meninas. São mais simpáticas. Eu gosto muito da (nome da amiga)”

Sujeito 17 – “Os dois, meninas e meninos. Não escolhi, conheço e pronto”

Sujeito 18 – “Amigas, claro. Porque são pessoas que mais gosto, tenho mais a ver com elas”

Sujeito 19 – “Mais raparigas. Porque só tenho o (nome dos amigos) e não tenho mais nenhum rapaz. O resto é tudo raparigas”

Sujeito 20 – “Os dois”

Sujeito 21 – “Meninos. Pah...para falar de desporto.”

Sujeito 22 – “ Meninas. Porque gosto mais”

Sujeito 23 – “ Meninos. Porque gosto mais deles”

Sujeito 24 –“ Meninos e meninas”

Sujeito 25 –“ Os dois. Dou-me bem tanto com rapazes como com raparigas depende do feitio como elas são e eles são”

Sujeito 26 –“Meninos e meninas”

Sujeito 27 –“Meninas. São mais calmas, gosto mais”

Sujeito 28 –“Mais amigas raparigas. Não gosto de rapazes, são chatos”

Sujeito 29 –“Eu tenho mais rapazes. Então na minha sala há mais rapazes e gosto mais de falar com eles, está bem!?”

Sujeito 30 –“Os dois”

7. A Importância da amizade

É importante ter amigos? Porquê?

Sujeito 1 –“ É bom ter amigos, para poder estar com eles”

Sujeito 2 – “É muito, muito importante. Porque gosto de conversar com eles e brincar e namorar”

Sujeito 3 – “Sim. Fico mais descansado, mais feliz, sinto-me como estou agora, contente. Sinto mais desejado, protegido e isso é muito importante é o que faz parte da amizade, está claro”

Sujeito 4 – “É, é importante. É assim...é assim...porque os meus amigos são mais importantes do que eu. Porque se não tivesse amigos tinha que conhecer outras pessoas e não eram amigos, eram colegas especiais como eu. E com os amigos falo dos problemas e com os que conhecia depois não era igual é isso. Já conheço os meus amigos quando eram pequeninos e os outros não”

Sujeito 5 – “É importante ter amigos. Porque gosto de conversar com eles. Porque me deixam contentes”

Sujeito 6 –“Sim é importante. Porque sinto felicidade, sinto muita coisa boa, tipo mas às vezes também falo com os meus amigos por mensagens e eles estão sempre ao meu lado assim também. Comunico com eles ao pé deles e quando não estou com eles e isso deixa-me tipo contente”

Sujeito 7 –“É importante, converso com eles, gosto deles e de tudo deles. Os meus primos também são meus amigos e os colegas do centro”

Sujeito 8 –“Acho que sim. Importante, não, muito importante. É bom, para poder conversar e partilhar os sentimentos e emoções e para poder falar sobre tudo um pouco.

Sobre coisas mais íntimas”

Sujeito 9 – “É muito importante sim, porque são o meu coração e alma. Se não tivesse amigas e amigos especiais não dormia, não comia, não fazia nada. Ficava só, triste.

Sujeito 10 – “Ui, muito importante oh. Porque sem eles estaria com o coração a bater pouco de tristeza e chorava muito”

Sujeito 11 – “É. Porque eu gosto ter muitos amigos. Ficava mal, triste, chorava sem eles”

Sujeito 12 – “É muito importante. Porque temos que ser amigas uns dos outros. Ficava triste se não tivesse amigos, mas tentava arranjar outro amigo”

Sujeito 13 – “É, muito (sorriu). É bom ter amigos, o coração fica a bater com força. Não quero ficar triste. Mas não choro. Não choro mas triste. Mas com os amigos, o coração bate assim (meteu as mãos no peito e fez o movimento com as mãos do batimento do coração rápido) vês fico contente”

Sujeito 14 – “Sim é muito. Para ser mais contente. É amor e carinho com os amigos sempre. Sem amigos, ficava triste claro”

Sujeito 15 – “É muito, muito, muito, muito. Porque é importante confiar uns nos outros, é importante porque me deixa feliz. Se não tivesse amigos, não estava aqui. Ficava triste e ficava sempre em casa. O meu pai não queria que eu viesse para o centro.

Sujeito 16 – “É muito importante. Ficava triste, é bom ter amigos. Gosto de todos os meus amigos e não vinha ao centro”

Sujeito 17 – “É. Porque eu gosto. Porque sem eles, ficava sozinha, triste”

Sujeito 18 – “É muito importante. Gosto de estar com os meus amigos, estar com eles. Mas gosto mais dos amigos da minha tia, vou ser sincera do que os do centro. Porque gosto, sem razão nenhuma especial. Mas gosto dos meus do centro, sem eles ficava um bocado sozinha, mas acho que ficava bem. A família ajudava-me”

Sujeito 19 – “É. Muito porque assim temos com quem desabafar e falar. Sem amigos sentia-me sozinha, sem ser os meus pais não teria ninguém com quem brincar, falar, com quem expressar carinho, dar beijinhos uns aos outros, emprestar uma coisa e depois devolver. Não tinha confiança, uma pessoa de confiança, não podia dar um voto de confiança e respeito. É bom ter um amigo, alguém com quem conversar é muito bom”

Sujeito 20 – “É muito importante. Porque sem amigos, ficava triste e aborrecida. Mas tentava arranjar outros”.

Sujeito 21 – “Sim, eu gosto, mas tenho poucos, é mais com a psicóloga estagiária. Gosto que seja minha amiga. Porque sinto carinho, falo com ela. Segredos. Ficava triste sem ela”

Sujeito 22 –“Sim. Muito. Porque os meus amigos são especiais comigo, ah...”

Sujeito 23 –“Sim. Gosto deles, sem eles fico triste”

Sujeito 24 –“Sim, porque portam bem comigo era triste sem amigos”

Sujeito 25 –“É porque temos com quem conversar. Sem amigos era chato...”

Sujeito 26 –“É importante. Olha, porque gosto de ter amigos, conversar com eles”

Sujeito 27 –“Claro que é importante. É importante para não ficarmos sozinhos, a família é importante...mas os amigos também são, é bom estar com eles”

Sujeito 28 –“Ter amigos é importante, a gente não fica tristes assim, né. É bom para a saúde da gente”

Sujeito 29 –“Importante sim. Gosto de amigos, é bom para conversar...às vezes fazem asneiras...é companhia à mesma”

Sujeito 30 –“Sim. Porque são importantes, eu gosto muito dos meus amigos todos”

8. Local onde conheceu os amigos

Onde (ou em que sitio) conheceste os teus amigos?

Sujeito 1 –“Uns, eu já conhecia na escola na Josefa de Óbidos, outros, fui conhecendo...aqui no centro”

Sujeito 2 – “Já nem sei. No centro”

Sujeito 3 – “Ahmmm...eu vou conhecendo-os, a pouco e pouco. Aqui no centro”

Sujeito 4 – “Eu já tenho amigos desde que sou pequena, da creche. No centro e do Bonny”

Sujeito 5 –“Noutro centro”

Sujeito 6 – “Então, no centro claro e por exemplo tenho uma amiga que está na quinta dos Inglesinhos que falava com ela lá e através do facebook, tenho outra que conheci através de uma amiga minha que é a senhora das limpezas, e mais tenho outra que é a senhora que trabalha no palácio e assim que conheço os meus amigos”

Sujeito 7 –“Há muito tempo na escola e no centro. Desde pequeninos”

Sujeito 8 – “Alguns conheci-os aqui no centro, outros como (nome dos amigos), já conheço desde a creche”

Sujeito 9 – –“ Aqui no centro, só tenho amigos no centro, porque uma amiga que andou na creche comigo foi para o céu. Eu fui ao funeral, chamava-se (nome da amiga). E quem cuidou comigo e com ela foi a minha avó. E tinha outra amiga lá em Belas que

andou comigo na escola, mas nunca mais a vi”

Sujeito 10 – “Na minha rua, na escola e aqui no centro”

Sujeito 11 – “No Montijo, cá em Lisboa, Viseu, Mansão e aqui no centro.

Sujeito 12 – “ Aqui no centro”

Sujeito 13 – “ Na creche. Alguns da creche estão comigo aqui. Desde pequeninos.

Sujeito 14 – “ No Bonny. Há mais de vinte anos”

Sujeito 15 – “Só tenho amigos no centro. Tinha na escola também mas não falei mais com eles”

Sujeito 16 – “No centro. Só aqui no centro”

Sujeito 17 – “Uns aqui no centro, outros tenho em casa são os meus sobrinhos, a minha irmã, o marido dela, o meu irmão”

Sujeito 18 – “ Aqui no centro”

Sujeito 19 – “Aqui no centro. Quando vim em 2006, antes estava numa escola. A outra conheci na casa onde às vezes vou passar férias, onde vou passar o fim-de-semana”

Sujeito 20 – “Cá no centro”

Sujeito 21 – “Aqui no centro”

Sujeito 22 – “ O (nome do amigo) conheci-o na escola e depois a (nome da amiga) também era da minha escola. Os outros conheci aqui no centro”

Sujeito 23 – “ No centro”

Sujeito 24 – “ Sala da “Marília”, e da Isabel”

Sujeito 25 – “ em vários centros, aqui, em santa clara...”

Sujeito 26 – “No CAO”

Sujeito 27 – “Noutra escola onde andei e agora tenho amigos aqui (centro)”

Sujeito 28 – “No centro”

Sujeito 29 – “Aqui (centro) mais lado nenhum”

Sujeito 30 – “Uns vieram comigo da escola Josefa. Humm...aqui no centro também”

9. Escolha dos amigos

Foste tu que escolheste os teus amigos?

Sujeito 1 –“ Fui”

Sujeito 2 –“ Fui eu que escolhi os meus amigos, claro”

Sujeito 3 –“ Sim, fui eu que escolhi”

Sujeito 4 –“ Sim, e vou conhecendo aos poucos e poucos”

Sujeito 5 –“ Fui eu que escolhi os meus amigos”

Sujeito 6 –“ Fui”

Sujeito 7 –“ Sim”

Sujeito 8 – “Sim!”

Sujeito 9 –“Não”

Sujeito 10 –“Sim, fui eu.”

Sujeito 11 –“Fui”

Sujeito 12 –“Sim”

Sujeito 13 –“Sim”

Sujeito 14 –“Fui”

Sujeito 15 –“ Fui”

Sujeito 16 –“Sim!”

Sujeito 17 –“Fui”

Sujeito 18 –“ Claro. Fui.”

Sujeito 19 –“ Não. Nem todos. O (nome do amigo) fui eu que escolhi e a amizade foi evoluindo e tornamos nos namorados. Foi aqui no centro, na sala fomos conhecendo-nos e a relação evoluiu. Se não fosse a monitora talvez não tinhas estes amigos”

Sujeito 20 –“Sim”

Sujeito 21 –“Yah!”

Sujeito 22 –“ Sim, fui eu”

Sujeito 23 –“ Sim”

Sujeito 24 –“ Sim”

Sujeito 25 –“ Fui eu que escolhi, sim”

Sujeito 26 –“Fui”

Sujeito 27 –“Escolhi todos os meus amigos”

Sujeito 28 –“Eu escolhi”

Sujeito 29 –“Fui eu, sim”

Sujeito 30 –“Sim”

10. Semelhanças e Diferenças

Achas-te parecido com os teus amigos? Porquê?

Sujeito 1 –“ Hum... (sorriu) não. Acho que não. Eles não têm a mesma maneira de falar, a maneira de estar...e pronto...só.”

Sujeito 2 –“ Só um bocadinho, não é muito. Em alguns problemas de às vezes, mas não é tudo é só um bocadinho”

Sujeito 3 – “Não muito. Mas tenho que os conhecer a pouco e pouco”

Sujeito 4 – “Sim. São simpáticos, comunicam, conversam, querem conviver. Sou assim também, gosto de comunicar”

Sujeito 5 – “Não. Eles são simpáticos e simpáticas. Perguntam se eu estou bem. Conversam comigo. Eu sou melhor”

Sujeito 6 –“Por exemplo, às vezes...não, por exemplo, aqui no centro há colegas que se portam mal e eu também tenho essa característica às vezes! E às vezes tenho colegas que falam alto e eu também falo muito alto. Yah, claro!”

Sujeito 7 –“Sou. Fofas.”

Sujeito 8 –“ Talvez, em algumas coisas. Em ser liberta e espontânea.”

Sujeito 9 –“Não. Olha, porque eles gostam de coisas que não gosto e por exemplo, o Nuno Miguel apalpa e abusa para cima de nós. As raparigas. E não gostamos”

Sujeito 10 –“Sim. Gostamos das mesmas coisas, portamos bem”

Sujeito 11 –“ Acho, em tudo. Por exemplo, eu quero ser cantora e tenho uma amiga que é cantora e está a ajudar-me”

Sujeito 12 –“Sou. Ir ao cinema, o que eu gosto, por exemplo as unhas e os cabelos”

Sujeito 13 –“ Sim. Elas são simpáticas. Eu também sou simpática”

Sujeito 14 – “(gargalhou) ah às vezes. Estávamos no Bonny”

Sujeito 15 – “Não. Eles são diferentes, têm os seus problemas e eu tenho os meus”

Sujeito 16 – “Assim...não. Eles têm...nem quero...deixa para lá. Têm...ai...complicam. É isso”

Sujeito 17 – “ Sim, algumas coisas. Por exemplo...então eu gosto de pintar, e eles também pintam”

Sujeito 18 – “ Não. Em nada. Quer dizer, eu tenho a mesma doença que elas têm. Trissomia 21, portadora. Sim, tenho trissomia 21 como elas”

Sujeito 19 –“ São diferentes, alguns. Outros não. Os que são diferentes na maneira de falar, pregar partidas, brincar, fazer ciúmes, e também em confiança. Há certos amigos que não se confiam”

Sujeito 20 –“Às vezes. Não uns diferentes, outros iguais. Uns simpáticos, eu sou, outros gritam, outros tristes eu não gosto. Faço segredos. Uns roubam, mas eu já não faço”

Sujeito 21 – “Acho que não. Eles não têm juízo. E brigam e não gosto disso. Só tu falas bem”

Sujeito 22 –“ Sim... nas coisas que gosto”

Sujeito 23 –“Sim, somos iguais. Trabalham bem”

Sujeito 24 –“Ahmm...às vezes. Porto mal, eles portam mal também”

Sujeito 25 –“ Não sou parecido com eles. Uns tem feitios bons e outros menos bons”

Sujeito 26 –“Sim sou, com a Maria, ela gosta de trico e eu também”

Sujeito 27 –“Não porque somos todos diferentes. É o que eu acho!”

Sujeito 28 –“Sim, são vaidosas”

Sujeito 29 –“Não... gritam muito, eu não gosto que gritem alto”

Sujeito 30 –“Acho que não.

11. Onde convivem

Onde costumam passar mais tempo junto com os amigos?

Sujeito 1 –“Na sala de convívio”

Sujeito 2 –“Estou com os meus amigos no centro, ou no café. Falamos no centro claro”

Sujeito 3 –“Na colonia de férias e no centro”

Sujeito 4 –“Claro, aqui no centro”

Sujeito 5 –“Aqui, no centro”

Sujeito 6 –“Aqui no centro”

Sujeito 7 –“No centro. E na sala de convívio”

Sujeito 8 –“Cá dentro do centro”

Sujeito 9 –“Na sala de convívio aqui do centro”

Sujeito 10 –“Aqui (centro)”

Sujeito 11 –“Com os fora do centro, é a passear. Os daqui (centro) é na sala”

Sujeito 12 –“Cá no centro”

Sujeito 13 –“ No recreio”

Sujeito 14 –“Aqui no centro”

Sujeito 15 –“Na sala de convívio, na sala da culinária”

Sujeito 16 –“No centro”

Sujeito 17 –“No centro, sim”

Sujeito 18 –“ Aqui no centro, claro!”

Sujeito 19 –“ Ahm... por exemplo, com os meus amigos aqui do centro é na sala de convívio. Na sala de convívio ou também no almoço. Mas de fora....hummm...às vezes encontro-me com eles, quando eu estou num sitio, aparece esse amigo, ou encontro sem estar à espera. Isso com os amigos de fora. De dentro, encontro na hora de almoço e na sala de convívio”

Sujeito 20 –“Nas festas, aqui no centro...no centro, também”

Sujeito 21 –“Oh...aqui (centro) ”

Sujeito 22 –“ No centro”

Sujeito 23 –“ No refeitório”

Sujeito 24 –“ No centro, só”

Sujeito 25 –“No centro”

Sujeito 26 –“No centro, na minha sala”

Sujeito 27 –“Aqui (centro) ”

Sujeito 28 –“Por aqui mesmo (centro)”

Sujeito 29 –“Aqui no refeitório”

Sujeito 30 –“Sala de convívio”

12. O que fazem juntos

O que costumam fazer juntos?

Sujeito 1 –“ Brincar, ver televisão...Sim, falamos”

Sujeito 2 –“ Porto-me bem, converso com eles”

Sujeito 3 –“ Ir à praia, conversamos um bocadinho...”

Sujeito 4 –“Conversamos, fazemos jogos assim diferentes e no fim-de-semana combinamos coisas que gostávamos de fazer fora do centro”

Sujeito 5 –“Conversar e namorar”

Sujeito 6 –“ Conversamos, brincamos, nós divertimo-nos muito uns com os outros”

Sujeito 7 –“Conversar, mais...ver televisão”

Sujeito 8 –“Um pouco de tudo, conversamos”

Sujeito 9 –“Costumamos rir e fazer fofocas”

Sujeito 10 –“Conversamos, brincamos, cantamos...”

Sujeito 11 –“ Tudo. Brinco com eles, aos polícias e ladrões (gargalhou). Sim conversamos, falamos...”

Sujeito 12 –“ Vamos ao Palácio almoçar e irmos às colónias...”

Sujeito 13 –“ Hum...gosto de brincar com eles, pintar, ver televisão, jogar à bola, fazer contas, falar”

Sujeito 14 –“Conversar sobre ajudar os colegas e os amigos. Às vezes, a lavar a loiça, a cortar o pão. Carinho, amizade e mimos. Dos namorados. Brincamos, não abusar e não apalpar. É isso mesmo, com as amigas, claro”

Sujeito 15 –“Vou ao palácio, convivo uns com os outros. Trabalhar. Falamos”

Sujeito 16 –“Falar. Almoçar. Ver televisão. Falo. Vou ao café, mas hoje vou sozinho”

Sujeito 17 –“Eu gosto muito de vir para o centro e gosto de falar uns com os outros e estar nas brincadeiras uns com os outros.”

Sujeito 18 –“Trabalhar e conversar ao mesmo tempo”

Sujeito 19 –“Costumamos conversar, costumamos brincar...ahmmm...brincadeiras. Mas as brincadeiras que dão para o torto eu tenho que chama-los à razão e ajuda-los. Ora não te estiques e não sei o quê”

Sujeito 20 –“Falar, ver televisão”

Sujeito 21 –“...falar...”

Sujeito 22 –“Conversamos”

Sujeito 23 –“Trabalhar, conversar”

Sujeito 24 –“Comer, falar e tudo”

Sujeito 25 –“Falar e outras coisas”

Sujeito 26 –“Conversar, falar...”

Sujeito 27 –“Dançar, cantar, falamos, brincadeiras”

Sujeito 28 –“Converso...vê a televisão na sala de convívio”

Sujeito 29 –“Trabalhar e conversar”

Sujeito 30 –“Gostamos de brincar, ver os morangos com açúcar, falar”

13. Temas de Conversa

Sobre o que costumamos conversar com os teus amigos?

Sujeito 1 –“ Sobre a vida, sobre os pais, os avós.”

Sujeito 2 –“ Sobre o trabalho, o portar bem, o que deve fazer bem e essas coisas assim”

Sujeito 3 –“ Sobre desporto e sobre as mulheres, claro! Coisas...(gargalhou)”

Sujeito 4 –“ Em problemas de casa, da rua. O que se passa com eles. Sobre a vida pessoal e da comunidade. Há muitas coisas...ahmm há muitos que não podem sair, não podem faltar, não podem convidar, não podem ir aos anos, quando convidam, não podem”

Sujeito 5 –“ Sobre a vida”

Sujeito 6 –“ Então conversamos sobre os nossos pais, os nossos familiares, primos, tios...essas conversas. Às vezes falamos de comida, o que vai ser o almoço o que vai ser o lanche, isso assim. (sorriu)”

- Sujeito 7 –“ Sobre disparates. Coisas que fazemos mal”
- Sujeito 8 –“ Sobre os namoros”
- Sujeito 9 –“ Sobre moda, rapazes e coisas da vida”
- Sujeito 10 –“As telenovelas, os problemas meus e deles”
- Sujeito 11 –“ Conto coisas a eles e eles a mim sobre a vida”
- Sujeito 12 –“ Sobre as colónias de férias, sobre coisas minhas”
- Sujeito 13 –“ Problemas...infeliz, o sofrer. Também de cantar e das telenovelas e coisas assim. Só coisas da televisão”
- Sujeito 14 –“ Conversar sobre ajudar os colegas e os amigos. Carinho, amizade e mimosos. Namorados”
- Sujeito 15 –“Sobre as vidas e coisas que gostam”
- Sujeito 16 –“Sobre a telenovela do canal 1, sobre o que faço”
- Sujeito 17 –“Assim, mais ou menos, das coisas que se passam no centro”
- Sujeito 18 –“Sobre o que se faz. O que nós fazemos aqui no centro”
- Sujeito 19 –“É às vezes é o namoro, é o tema. Outro tema é convidar para o aniversário, dizer que quer ser meu amigo, que gosta de mim, que sou boa pessoa. Se quer brincar comigo. Às vezes, de vez em quando conversam como se quisessem me roubar ao meu namorado. Mas é a brincar não querem. Eles tem as namoradas deles é só uma brincadeira a falar a brincar”
- Sujeito 20 –“A vida e o trabalho”
- Sujeito 21 –“ do futebol, dos jogadores. Com eles não falo mais nada. Só com ela. Sobre tudo. A vida não está fácil”
- Sujeito 22 –“ Sobre os empregos, sobre coisas da televisão”
- Sujeito 23 –“ Falo sobre saídas”
- Sujeito 24 –“ Teatro, só”
- Sujeito 25 –“ Sobre as namoradas, e de outras coisas”
- Sujeito 26 –“Da avó, das coisas lá de casa, sobre os intervalos e as actividades”
- Sujeito 27 –“De trabalho, as coisas boas da vida”
- Sujeito 28 –“Tantas coisas...”
-

Sujeito 29 –“Os jogos de futebol”

Sujeito 30 –“Sobre os morangos com açúcar e os namorados”

14. Resolução de Problemas entre Amigos

Já alguma vez te zangaste com algum amigo? Porquê? Como é que resolveram o problema?

Sujeito 1 –“Não. Sou calmo”

Sujeito 2 –“Às vezes já, quando o (nome do amigo) não foi ao coro uma vez eu olhei para ele e disse “não foste ao coro” mas ele não disse nada e pronto...foi assim. (Sorriu, encolheu os ombros) olha...fiquei bem com ele, gosto muito dele. Ele disse desculpa.”

Sujeito 3 –“Hum...muito raro, muito raro. O motivo é quando vejo alguma coisa mal feita e chamo a atenção dele. Dei-lhe um abraço ou um “passo ó bem”. Porque ele me dá também”

Sujeito 4 –“Às vezes já. A chatice veio porque eu não posso impingir as outras pessoas a fazerem o que eu quero, ou quando falam eu tenho que esperar a vez de falar e não me posso meter na vida dos outros. E eu faço isso. Fui falar com a pessoa e assim pude melhorar a situação, mais ficamos amigos. Pedi desculpa também”

Sujeito 5 –“Já. Fez birrinhas. Não gosto. Eu dei-lhe um estalo. E acabou a birra. Há outras mas eu dei um estalo. E ficou tudo bem”

Sujeito 6 –“Eu já me chateie com um amiga minha. Porque ela anda a fazer coisas que não deve fazer. Como mentir, intrigas e arranja maneira de eu ficar triste e chateada. E depois não quero ser amiga dela. Ainda não falo com ela e acho que é melhor não falar mais, porque é a melhor solução”

Sujeito 7 –“ Estou chateado com a (nome da amiga), porque ela puxou as minhas calças e mostrou as minhas cuecas a toda a gente. Vou falar com a psicóloga para ajudar”

Sujeito 8 –“ Já por coisas sem significado. Pedi ajuda às pessoas mais velhas. E ficou tudo bem depois”

Sujeito 9 –“ Às vezes. É assim...por exemplo, o “Manuel”, ele diz nomes para mim e eu não gosto. Coisas feias. E isso zanga-me”

Sujeito 10 –“Não”

Sujeito 11 –“Nunca. Não quero não gosto disso”

Sujeito 12 –“Sim, com a (nome da amiga), porque ela grita alto e eu não gosto. Ela pediu-me desculpa e disse “não faço mais”. E depois fica bem”

Sujeito 13 –“Nem pensar. Eu sou boa rapariga. Nem pensar, não gosto disso”

Sujeito 14 –“Às vezes o (nome do amigo) só. Porque ele apalpa. E eu não gosto disso. Chamo alguém ou os monitores. Ou ele pede desculpa e é assim”

Sujeito 15 –“Às vezes, com o (nome do amigo). Olha porque ele faz coisas que eu não gosto. É queixinhas, e eu não gosto. Porque ele pensa que manda em mim, mas não manda. Diz que tenho que limpar as casas de banho. Porque é que não limpa ele? Olha! E diz à monitora que eu não limpei, limpasse ele. Depois fazemos as pazes. Ele pediu as desculpas, deu me um beijinho aqui (apontou para a cara) demos um abraço e eu até lhe dei um presente, uma caneta com varias cores, azul, verde, vermelho e outra cor...não me lembro agora. Ele gostou muito”

Sujeito 16 –“Com a (nome da amiga). Porque queixinhas eu à monitora e...e ela depois ficou assim...assim...não gostou. Demos um abraço, e ficou tudo bem”

Sujeito 17 –“Não”

Sujeito 18 –“ Humm...não, não”

Sujeito 19 –“Sim. Mas tentamos resolver a chatice um com o outro, como não conseguimos à primeira vez pedimos ajuda a um psicólogo e monitora para resolver o assunto. Pedimos uma opinião e conseguimos resolver. Mas há zangas que não são tao graves, são coisas mais pequenas que conseguimos resolver”

Sujeito 20 –“Já. Porque porta-se mal. Olha bate colegas, rouba e assim. E depois eu saiu da sala”

Sujeito 21 –“ Já, uma vez contigo. Fiquei chateado porque não foi justo com a minha amiga. Menti. A conversar os dois. Fez as pazes”

Sujeito 22 –“ Sim. O (nome do amigo) beijou-me na boca e depois ela ficou assim. Ficou zangada comigo. Dei desculpa “desculpa lá mas foi o (nome do amigo) que beijou me” e pronto ela desculpou”

Sujeito 23 –“ Não”

Sujeito 24 –“ Sim. Ele não comia a sopa, rapa, rapa, rapa. Depois ele fez as desculpas”

Sujeito 25 –“Não que me lembre, não”

Sujeito 26 –“Já me zanguei com a (nome da amiga), mas já passou. Ela às vezes manda em mim e eu não gosto. Agora está tudo bem, ela pediu desculpa e eu dei”

Sujeito 27 –“Com amigos meus não”

Sujeito 28 –“Não”

Sujeito 29 –“Sim, quando me estão a chatear, a gritar. Pedem desculpa e eu aceito,

pronto”

Sujeito 30 –“Sim. Com o (nome do amigo), ele bateu-me e eu chorei. Ele deu desculpas e ficou de castigo”

15. Convívio com os Amigos fora da Instituição

*Já alguma vez te encontraste com os teus amigos fora da instituição? (Sim) Onde?
(Não) Porquê?*

Sujeito 1 –“ Não, não, não. Porque moram muito longe”

Sujeito 2 –“ Já. Fomos beber café”

Sujeito 3 –“ Não. Porque eu às vezes vou passar o fim-de-semana a são martinho e não estou em lisboa e é complicado”

Sujeito 4 –“ Não. A mãe não deixa”

Sujeito 5 –“ Não. Porque os meus amigos não podem sair sozinhos”

Sujeito 6 –“Já com os amigos fora do centro, já. No Colombo, na Amadora. Passeamos e assim. Não com os do centro não. Porque os meus colegas daqui do centro, eles não são como eu, eles não andam sozinhos. Eu sou autónoma. Eles andam de carrinha, eu ando de autocarro. E assim é complicado”

Sujeito 7 –“ Uma vez, só. Ao cinema”

Sujeito 8 –“ Ahmmmm...só com amigos fora daqui (centro), só amigos da escola onde já andei. Quando fazia anos, convidava-os para irem à minha festa. E também ia às festas deles”

Sujeito 9 –“ Não. Porque a minha avó não deixa”

Sujeito 10 –“Não. A minha mãe não deixa”

Sujeito 11 – “Nunca. Não sei”

Sujeito 12 –“ Sim, às vezes com a (nome da amiga)! Ela vai comigo às vezes ao cinema”

Sujeito 13 –“Sim, com a (nome da amiga) na missa no domingo. Eu gosto é giro”

Sujeito 14 –“ Não. Moro longe”

Sujeito 15 –“ Não. O meu pai e a mãe não deixam”

Sujeito 16 –“Não! Não sei...”

Sujeito 17 –“ Não. Não quero”

Sujeito 18 –“ Sim, uma vez quando fui a casa de uma amiga. Só”

Sujeito 19 –“Ahmm, não, nunca encontrei não. Porque uns moram longe. Por exemplo, o (nome do amigo) só pode ir com o pai porque mora longe, o (nome do amigo) mora em Paço d’arcos, também é assim longe. Só talvez a (nome da amiga) que mora perto de mim, que eu moro na avenida e a (nome da amiga) na Madragoa. Talvez dá para encontrar. Só que eu nunca encontrei com ela porque primeiro não tenho a morada dela e não tenho o número de telefone da mãe dela para combinar um encontro. E às vezes ela não mostra, nunca mostrou interesse em querer sair comigo, ou convidar para ir a casa dela”

Sujeito 20 –“Não, não. Eu queria que fossem a minha casa, mas os meus pais não deixam”

Sujeito 21 –“ Não. Não posso o pai não gosta disso”

Sujeito 22 –“ Sim, sim, vou a casa deles e passear. Com os amigos da minha rua”

Sujeito 23 –“ Sim. Fomos passear”

Sujeito 24 –“ Não. Porque não posso, a mãe e o pai não querem”

Sujeito 25 –“ Não. Não houve oportunidade”

Sujeito 26 –“Não, as avós não me deixam”

Sujeito 27 –“Não, porque... (encolheu os ombros)

Sujeito 28 –“Sim, numa festa de anos do colega quando eu andava na escola há muito tempo”

Sujeito 29 –“Não. Eu moro na Buraca, é longe”

Sujeito 30 –“Nunca, mas eu gostava...o pai e a mãe não deixam”

16. Recepção do (s) Amigo (s) na sua casa

*Já alguma vez algum amigo teu foi a tua casa? (Sim) O que fizeram? (Não) Porquê?
Gostavas?*

Sujeito 1 –“Nunca. Não sei... Sim”

Sujeito 2 –“ Sim. O (nome do amigo) às vezes vai lá a minha casa. Ver televisão, falar, conversar, namorar, essas coisas assim”

Sujeito 3 –“ Não. Não estou em Lisboa é isso”

Sujeito 4 –“ Não... Não. Só de vez em quando, quando faço anos, aí posso juntar. Primeiro falo com a minha mãe e daí a mãe fala com as pessoas, com os responsáveis pelo centro, pede os números de telemóveis de uns colegas assim...ou mais ou menos.

Mas eu não os posso convidar a mãe não deixa, pronto”

Sujeito 5 – “Não. Porque a mãe têm vergonha que vão lá a casa. Sim”

Sujeito 6 – “ Não, nem do centro, nem lá de fora. Porque os meus amigos não são autónomos, é por isso. Mas eu gostava muito.

Sujeito 7 – “Já, da (nome da amiga). Conversamos e comemos”

Sujeito 8 – “Já! Quando eu andava na escola. Brincadeiras de crianças”

Sujeito 9 – “Só, o meu namorado, é que deixou uma vez ir a minha casa. Conversamos, namoramos e vimos televisão”

Sujeito 10 – “Não. Eu adorava mas minha mãe está a trabalhar, não está muitas vezes em casa, não posso convidar por isso”

Sujeito 11 – “Não, nunca. Não sei. Queria...gostava, sim...”

Sujeito 12 – “ Não, ainda não. Acho que a mãe afinal não deixa às vezes”

Sujeito 13 – “Não. Porque os pais não deixam. Gostava muito”

Sujeito 14 – “ Não. Eu gostava muito. Mas moro muito longe deles”

Sujeito 15 – “Não. Porque a mãe não ligou. A mãe não deixa eu ir a casa dos outros. Gostava”

Sujeito 16 – “Não. Porque...não sei. Gostava”

Sujeito 17 – “Não. Porque eu não quero, porque há certas coisas que não quero que mexam. Não gostava”

Sujeito 18 – “ Não. Nunca calhou. Sim gostava que a (nome da amiga) fosse”

Sujeito 19 – “Já, quando era mais nova, uma amiga que andava comigo na escola, estivemos a brincar. Mas claro que gostava”

Sujeito 20 – “Não, mas gostava que a (nome da amiga)...fosse. A mãe não gosta que vão a casa”

Sujeito 21 – “ Não. Não sei. Não”

Sujeito 22 – “ Ainda não. Porque eu ainda vou combinar com a mãe do (nome do amigo) para ele ir lá a casa lanchar. E depois eu faço o lanche eu sozinha, eu preparo e depois eu vou por a minha música e dançamos. Gostava muito”

Sujeito 23 – “ Não. A mãe e o pai não deixam. Gostava”

Sujeito 24 – “ Não. Porque não posso andar de carro sozinha. Gostava”

Sujeito 25 –“ Só foi a minha ex-namorada. Tivemos a namorar e passear.. Gosto que vão a minha casa”

Sujeito 26 –“Não. A avo diz que não quer ninguém na sua casa...eu gostava muito”

Sujeito 27 –“Por acaso não. Querer eu queria mas ainda não foi lá ninguém”

Sujeito 28 –“Sim, na festa de anos comemos bolo e brincamos”

Sujeito 29 –“Não, a minha tia não ia deixar. Mas eu ia gostar”

Sujeito 30 –“Sim os amigos fora do centro que são amigos do meu irmão, brincamos. Gosto.”

17. Ida a Casa do (s) Amigo (s)

Já alguma vez foste a casa de algum amigo teu? (Sim) O que fizeram? (Não) Porquê?

Sujeito 1 –“Não.

Sujeito 2 – “Não, ainda não fui. A mãe e o pai não devem deixar”

Sujeito 3 – “Não. Nunca calhou”

Sujeito 4 – “Não. A minha mãe não deixa”

Sujeito 5 – “Sim, da minha namorada, estivemos a fazer coisas, conversar, falar, ver televisão”

Sujeito 6 – “Não, não sei”

Sujeito 7 – “Nãoooo. Não sei”

Sujeito 8 – “Sim, sim. A uma festa de aniversário dos meus colegas da creche”

Sujeito 9 – “Não, só o Ivan foi à minha. A avó não deixa, já disse”

Sujeito 10 –“Por acaso não”

Sujeito 11 – “Não, nunca. Não sei.”

Sujeito 12 –“Não”

Sujeito 13 –“Também não...olha também não sei!”

Sujeito 14 –“ Não, também não. Porque é longe”

Sujeito 15 – “Não”

Sujeito 16 – “Não”

Sujeito 17 – “Não. Porque nunca me convidaram”

Sujeito 18 – “Já fui uma vez, era muito nova tinha uns 18 ou 19 anos. Depois disso não fui mais. Fui só uma vez porque foi um grupinho aqui do centro e mais nada. A Ana Catarina tinha uma piscina lá na casa dela e tinha lá coisas que se comem e tudo. E foi isso”

Sujeito 19 – “Não. Nunca combinamos”

Sujeito 20 – “Não. Não deu ainda”

Sujeito 21 – “Não, de amigos meu não. Só do meu pai. Porque não sei”

Sujeito 22 – “Ainda não. Não sei”

Sujeito 23 – “Não os pais não deixam”

Sujeito 24 – “Fui a casa de uma amiga. Fizemos croché, cachecolões. A Mãe deixou.”

Sujeito 25 – “Não... não... pois... não sei muito bem”

Sujeito 26 – “Não, a avo não quer que eu vá a casa das pessoas”

Sujeito 27 – “Não ainda não.”

Sujeito 28 – “Sim, nos anos”

Sujeito 29 – “Isso também não, a minha tia também não quer”

Sujeito 30 – “Não. Não sei (sorriu)”

Anexo C

Tabela 6 – Resultados obtidos na questão “Tens muitos ou poucos amigos?”, com as respectivas frequências relativas e absolutas

Categoria	n de respostas e sujeitos	N (%)
Muitos	20	66,7
Alguns	1	3,3
Poucos	9	30
Total	30	100

Anexo D

Tabela 8 - Resultados obtidos na questão “Tens amigos (rapazes) ou mais amigas (raparigas)?”, com as respectivas frequências relativas e absolutas

Categoria	Subcategoria	n de respostas e sujeitos)	N (%)
	Raparigas	8	26,7
Raparigas	Rapazes	5	16,7
	Ambos	9	30
	Raparigas	5	16,7
Rapazes	Rapazes	1	3,3
	Ambos	2	6,6

Anexo E

Tabela 10 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes à questão “Achas-te parecido com os teus amigos?”

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	11	36,7
Não	12	40,0
Às Vezes	7	23,3
Total	30	100

Anexo F

Tabela 12- Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre a escolha voluntaria dos amigos

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	28	93,3
Não	2	6,7
Total	30	100

Anexo G

Tabela 17 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre se alguma vez se encontraram com os seus amigos fora da instituição

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	10	33,3
Não	20	66,7
Total	30	100

Tabela 18 – Frequências relativas e absolutas das categorias formadas para questão “O que fizeram ou costumam fazer?” representativa dos sujeitos que afirmaram terem-se encontrado com os seus amigos fora do centro

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Actividades Culturais/Lazer	7	63,6
Eventos	2	18,2
Casa	2	18,2

Anexo H

Tabela 20 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre se alguma vez os amigos foram a sua casa

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	8	26,7
Não	22	73,3
Total	30	100

Tabela 21 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre se alguma vez foram a casa de algum amigo

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	5	16,7
Não	25	83,3
Total	30	100

Tabela 22 – Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre onde e o que fizeram quando o amigo foi a sua casa

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Actividades de lazer em casa	8	26,7

Anexo I

Tabela 25 - Frequências absolutas e relativas das respostas dos participantes sobre se alguma vez entraram em conflito com os amigos

Categoria	n de sujeitos e respostas	N (%)
Sim	19	66,7
Não	11	23,3
Total	30	100